



NGEYÁ

FESTIVAL DE MÚSICA
DANÇA REGIONAL LESTE



LUENA
2026



INDÍCE

EDITORIAL

NGEYA 2026: DANÇAMOS A MEMÓRIA PARA CONSTRUIR O FUTURO

O FESTIVAL NGEYA NASCEU PARA CELEBRAR A CULTURA, MAS TORNOU-SE MUITO MAIS DO QUE UM PALCO DE MÚSICA E DANÇA TRADICIONAL.



Ao longo das suas cinco edições, afirmou-se como um movimento de valorização do património cultural da Região Leste, reunindo comunidades, investigadores, artistas, instituições públicas e parceiros privados em torno de um propósito comum: preservar o legado dos nossos ancestrais e transmiti-lo às novas gerações.

A Revista Oficial do NGEYA 2026 surge como extensão desse compromisso, pois entendemos que mais do que registar os acontecimentos desta quinta edição do festival, esta publicação documenta histórias, saberes, rostos, memórias, bastidores e tradições que continuam vivos graças ao trabalho silencioso dos grupos culturais, dos mestres, dos investigadores e de todos aqueles que recusam deixar desaparecer a memória colectiva dos seus povos.

Nestas páginas de um esforço extraordinário de redactores, jornalistas, revisores e paginadores e demais membros, o leitor encontrará as mensagens institucionais do Governo Provincial do Moxico e da Sociedade Mineira de Catoca, promotora do festival, uma panorâmica dos principais momentos da edição de 2026, artigos de reflexão, entrevistas, perfis dos grupos participantes e testemunhos que revelam a riqueza das danças, dos instrumentos, das línguas e das manifestações culturais da Região Leste.

A conferência científica realizada no âmbito do festival reforçou ainda a importância da investigação, da documentação e da educação como pilares da salvaguarda do património cultural da região.

O NGEYA mostrou, uma vez mais, que preservar a cultura não significa apenas recordar o passado. Entendemos que passa pela criação de oportunidades para a juventude, estimular a produção artística, fortalecer a identidade nacional e promover o diálogo entre diferentes comunidades de Angola.

Ao olhar os espetáculos conseguimos perceber que cada grupo participante trouxe consigo uma história de resistência, pertença e esperança, demonstrando que a tradição continua a ser uma força capaz de construir o futuro. Por isso, as próximas edições poderia proporcionar maior investimento financeiro para os mesmos devido a logística que clamam estarem com os preços cada vez mais altos.

Que esta revista seja mais do que a memória de um festival. Que se torne um documento de referência para investigadores, estudantes, fazedores de cultura e para todos os angolanos que acreditam que um povo só conhece verdadeiramente o seu futuro quando preserva, valoriza e transmite a herança dos seus antepassados.

Porque, enquanto houver quem cante, dance, conte histórias e ensine a cultura às novas gerações, o legado da Região Leste continuará vivo.

GOVERNADOR DO MOXICO DESTACA CULTURA COMO PILAR DA IDENTIDADE E DA UNIDADE NACIONAL

“APELAMOS AOS JOVENS ARTISTAS E FAZEDORES DE CULTURA PARA CONTINUAREM A DIVULGAR AS TRADIÇÕES ANGOLANAS, SUBLINHANDO QUE A CULTURA É UM INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO, INCLUSÃO SOCIAL, DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO E AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL”,

Governador da Província do Moxico, **ERNESTO MUANGALA**

O governador da Província do Moxico, Ernesto Muangala, defendeu que a preservação da cultura constitui um compromisso com a história e um investimento no desenvolvimento humano, durante a abertura do Festival NGEYA 2026, realizado na cidade do Luena.

Na sua intervenção, o governante enalteceu o papel da Sociedade Mineira de Catoca na promoção da cultura angolana, considerando o festival um exemplo de responsabilidade social que ultrapassa o investimento económico e se afirma como uma plataforma de valorização do património cultural dos povos da Região Leste.

Ernesto Muangala destacou ainda que o Festival Ngeya fortalece os laços históricos, linguísticos e culturais entre as províncias do Moxico, Moxico Leste, Lunda Norte e Lunda Sul, promovendo o intercâmbio entre comunidades e incentivando a participação da juventude na preservação dos saberes ancestrais.

“Apelamos aos jovens artistas e fazedores de cultura para continuarem a divulgar as tradições angolanas, su-

blinhando que a cultura é um instrumento de educação, inclusão social, desenvolvimento económico e afirmação da identidade nacional”, referiu o político.

Ao declarar oficialmente aberta a edição de 2026 do Festival NGEYA, Ernesto Muangala reafirmou que “a cultura é a alma de um povo” e defendeu que preservar o património cultural significa salvaguardar a história, fortalecer a coesão social e garantir a transmissão dos valores ancestrais às futuras gerações.

**CATOCA QUER TRANSFORMAR O FESTIVAL NGEYA
NUMA REFERÊNCIA NACIONAL E INTERNACIONAL**

O director-geral da Sociedade Mineira de Catoca, Pedro Galiano, reafirmou o compromisso da empresa com a promoção e preservação do património cultural angolano, defendendo um maior envolvimento do sector empresarial no apoio às manifestações culturais tradicionais.

Estas declarações foram prestadas aos jornalistas à margem da Vª edição do Festival de Música e Dança



A VALORIZAÇÃO DA CULTURA INTEGRA A
ESTRATÉGIA SOCIAL DA EMPRESA POR
REPRESENTAR UM ELEMENTO ESSENCIAL DA
IDENTIDADE DOS POVOS DA REGIÃO LESTE



Director-Geral da Sociedade Mineira
de Catoca, PEDRO GALIANO

Tradicional da Região Leste, “NGEYA 2026”, realizada nos dias 26 e 27, na cidade do Luena, província do Moxico.

Para o responsável, a responsabilidade social da Catoca ultrapassa a actividade mineira e traduz-se em investimentos que geram benefícios directos para as comunidades. “A valorização da cultura integra a estratégia social da empresa por representar um elemento essencial da identidade dos povos da Região Leste”, declarou Pedro Galiano, sustentando que resgatar, preservar e valorizar a cultura angolana faz parte dos valores da Catoca e daquilo que entendem como desenvolvimento sustentável.

Pedro Galiano considerou igualmente que o Festival Ngeya já demonstra resultados concretos na preservação das tradições, mas defendeu que o projecto deve crescer com o envolvimento de mais empresas, parceiros financeiros e instituições públicas.

Na sua visão, o fortalecimento da cultura poderá impulsionar o turismo, a economia criativa, a geração de emprego e a valorização do património nacional.

O director-geral destacou ainda que Angola possui um legado cultural de reconhecimento internacional, apontando o Sona como exemplo de um património ancestral que já desperta interesse em vários países.

"O desafio consiste em nós próprios angolanos conhecermos, preservarmos e promovermos esse legado, reforçando o sentimento de pertença e identidade cultural", assegurou.

Questionado sobre o futuro do festival, mostrou abertura para a participação de grupos e parceiros internacionais e admitiu que as sugestões apresentadas pelos participantes serão analisadas pela comissão organizadora do evento.

“O Festival NGEYA ainda está a crescer. O nosso objectivo é continuar a melhorar a cada edição e mobilizar mais parceiros para que este projecto se torne uma grande referência nacional e internacional na promoção da cultura angolana”, concluiu.

Redação COMUNIKA



FESTIVAL NGEYA

REFORÇA IDENTIDADE DO LESTE
EM DOIS DIAS DE CELEBRAÇÃO
E REFLEXÃO

Durante dois dias, a Sociedade Mineira de Catoca, em parceria com os Governos Provinciais da **Lunda Norte, Lunda Sul, Moxico e Moxico Leste**, realizou, na cidade do Luena, província do Moxico, a V edição do **Festival de Música e Dança Tradicional da Região Leste – NGEYA 2026**.

FERNANDO GUELENGUE

O evento tem-se afirmado como o maior palco de valorização da cultura tradicional da Região Leste de Angola, reunindo grupos culturais, investigadores, académicos, autoridades governamentais, empresas parceiras e centenas de espectadores numa programação que conciliou espectáculos, intercâmbio cultural e reflexão científica sobre o património cultural imaterial.

O primeiro dia ficou marcado pela realização da **Conferência NGEYA 2026**, integrada na programação oficial do festival. Em representação do coordenador-geral, Pedro Capumba, **Mário Domingos**, membro da Comissão Organizadora, procedeu à abertura dos trabalhos, sublinhando que a conferência pretende transformar o NGEYA numa plataforma permanente

PÁG.8

de produção e partilha de conhecimento sobre a cultura da Região Leste, incentivando estudantes e investigadores a aprofundarem os estudos sobre o património cultural angolano.

“Cada apresentação aqui representa um pedaço do Moxico e queremos que esta conferência produza mais conhecimento para que os nossos artistas sejam cada vez mais valorizados pelos nossos parceiros”, afirmou, acrescentando que os prelectores convidados foram seleccionados pelo profundo conhecimento que possuem sobre a cultura da Região Leste.

Entre os momentos de maior destaque da conferência esteve a palestra do historiador **Guilherme Martins**, dedicada ao percurso histórico do povo Tchokwé e ao papel das manifestações tradicionais na preservação da memória colectiva. Seguiu-se a intervenção

do investigador **Salvador Cacoma**, que alertou para o risco de desaparecimento de diversos grupos étnicos e linguísticos do Moxico, defendendo políticas públicas de investigação, documentação e preservação do património material e imaterial da província.

O segundo dia foi reservado às apresentações artísticas dos grupos seleccionados. A cerimónia de abertura contou com as intervenções do **Governador da Província do Moxico**, que destacou a cultura como instrumento de preservação da identidade nacional e de fortalecimento da coesão entre os povos, e do **Director-Geral da Sociedade Mineira de Catoca**, que reiterou o compromisso da empresa em continuar a investir na valorização do património cultural como parte da sua responsabilidade social. Ambos defenderam a continuidade do festival como uma referência

nacional de promoção da diversidade cultural angolana.

Ao longo do dia, o público assistiu às apresentações dos grupos provenientes das províncias da Lunda Norte, Lunda Sul, Moxico e Moxico Leste, bem como do grupo convidado **Kumbi Lixia**, do Cuanza Sul, cuja participação simbolizou o diálogo entre diferentes tradições culturais do país.

As actuações evidenciaram a riqueza das danças **Tchianda, Tchisela, Aquixe, Maringa** e de outras manifestações tradicionais, demonstrando a diversidade de ritmos, instrumentos e indumentárias existentes em Angola.

Em entrevista concedida no final do festival, o diretor artístico do NGEYA, **Gabriel Tchiema**, apresentou a

PÁG.9

sua visão sobre a evolução do evento desde a sua criação, destacando o surgimento de novos grupos culturais, a revitalização da produção de instrumentos tradicionais e o crescente interesse da juventude pelas tradições ancestrais.

"Para que o festival evolua para uma dimensão nacional e, futuramente, internacional, envolvendo comunidades Tchokwé de países vizinhos, é fundamental contarmos com mais empresas nacionais como parceiros estratégicos", defendeu.

No plano artístico, os grupos participantes revelaram não apenas a qualidade das suas apresentações, mas também os desafios que enfrentam para manter vivas as tradições. As entrevistas realizadas durante o festival evidenciaram preocupações comuns relacionadas com financiamento, aquisição de instrumentos tradicionais, produção de indumentárias, transporte e formação de novas gerações. Apesar das dificuldades, todos manifestaram o compromisso de continuar a transmitir os conhecimentos herdados dos seus antepassados.

DIÁLOGO CULTURAL COM O CUANZA SUL

A participação do grupo **Kumbi Lixia**, do Cuanza Sul, constituiu um dos momentos mais simbólicos da edi-

ção de 2026. Pela primeira vez no Festival NGEYA, o grupo apresentou ritmos, instrumentos e danças característicos da sua região, reforçando o intercâmbio cultural entre diferentes povos angolanos e demonstrando que a valorização da cultura nacional passa pelo conhecimento mútuo das diversas identidades existentes no país.

“É para dizer que nós, a partir daqui, sentimos que a nossa cultura está a ser valorizada. Viemos de uma província onde muitos não compreendem a nossa língua, mas fomos convidados para fazer parte deste grande espectáculo”, afirmou o porta-voz do grupo, **Rei Mix**, revelando que a incredulidade em relação ao convite só terminou quando embarcaram no Aeroporto Internacional 4 de Fevereiro rumo ao México.

Sem carácter competitivo, o **Festival NGEYA 2026** voltou a afirmar-se como um espaço de encontro entre tradição, investigação e desenvolvimento cultural. Ao reunir artistas, académicos, instituições públicas, empresas e comunidades, consolidou-se como uma plataforma de preservação do legado ancestral e de afirmação da identidade cultural da Região Leste, reforçando o seu papel entre as mais relevantes iniciativas de salvaguarda do património cultural angolano.



É PARA DIZER QUE NÓS, A PARTIR DAQUI, SENTIMOS QUE A NOSSA CULTURA ESTÁ A SER VALORIZADA. VIEMOS DE UMA PROVÍNCIA ONDE MUITOS NÃO COMPREENDEM A NOSSA LÍNGUA, MAS FOMOS CONVIDADOS PARA FAZER PARTE DESTES GRANDES ESPECTÁCULOS

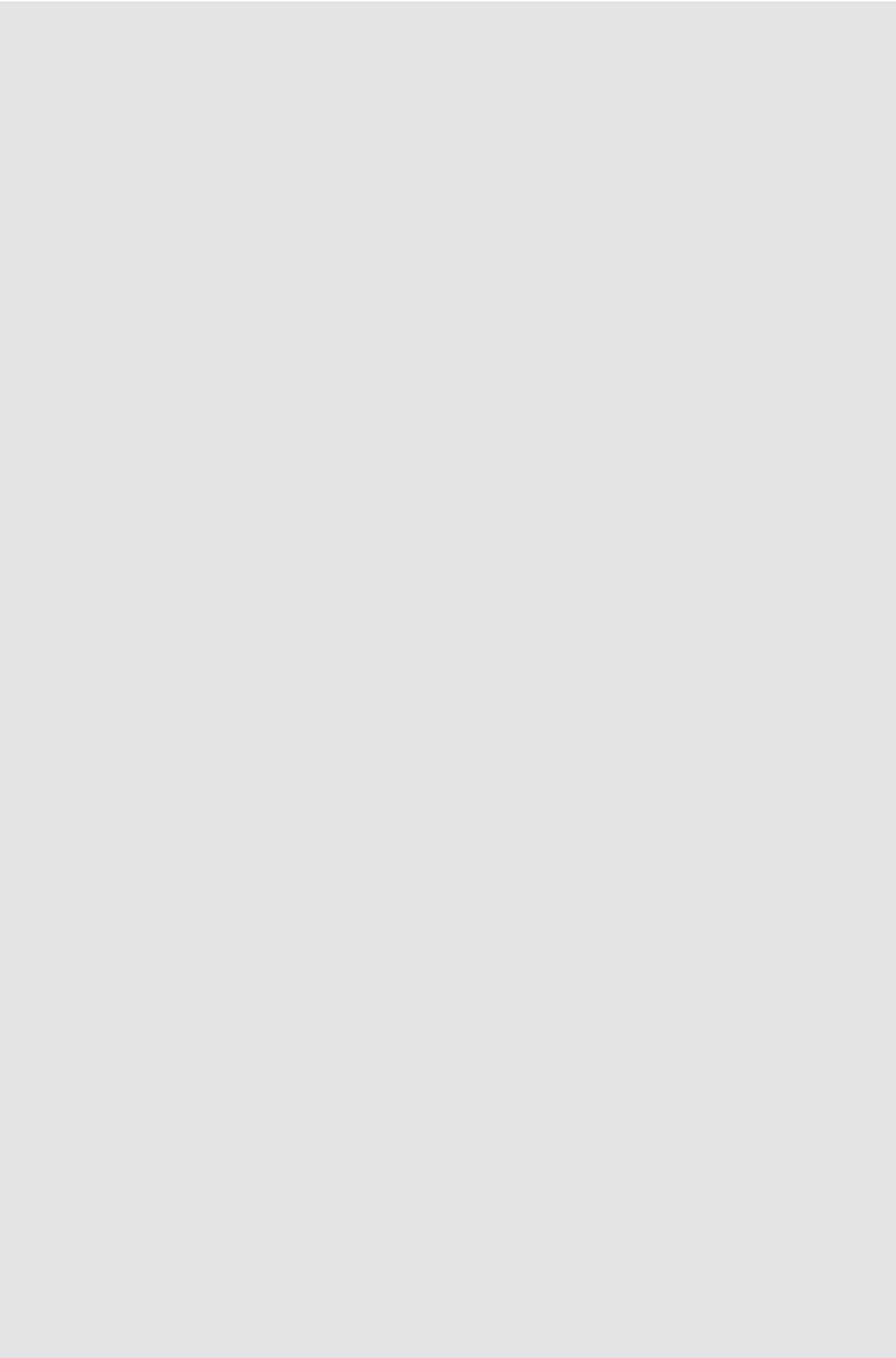
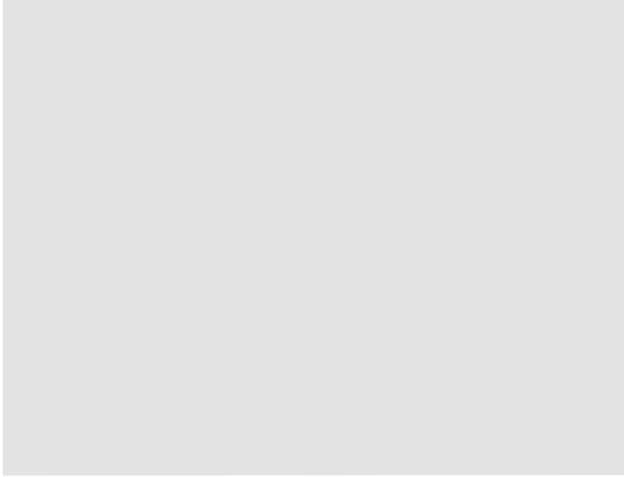
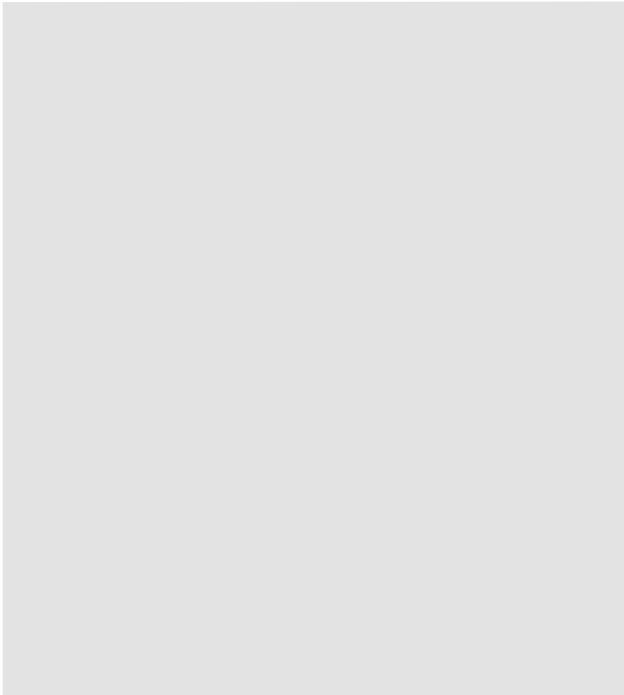
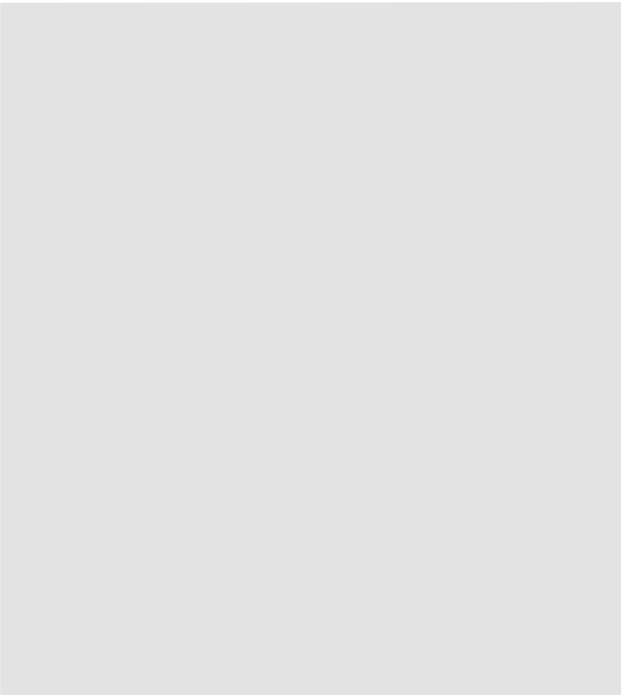
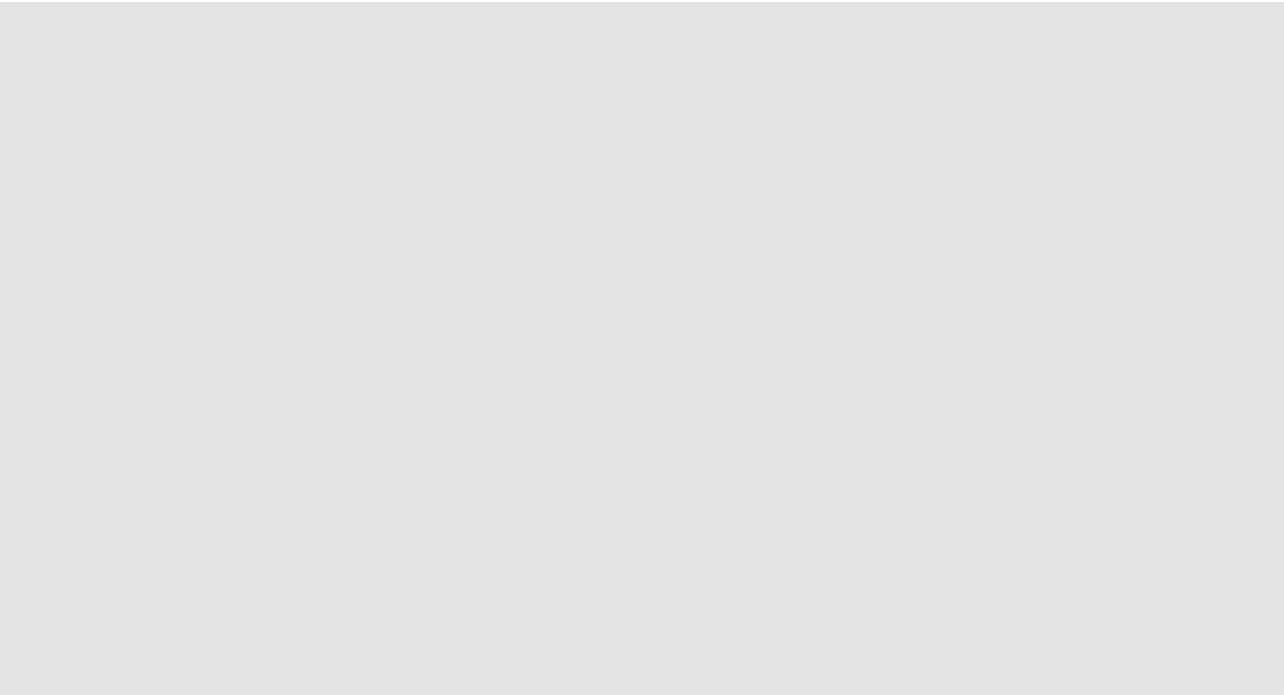


LUENA
2026



GRUPOS DO
NGEYA 2026
BLOCO I





ULENGO:

A FORÇA DA TRADIÇÃO QUE
FLORESCE EM CAMANONGUE

Nascido da vontade de preservar e celebrar as expressões culturais do Leste de Angola, o Grupo Ulengo tornou-se uma das referências da animação cultural no município de Camanongue, província do Moxico.

Desde a sua fundação, o colectivo tem promovido a valorização das tradições locais através da dança, da música e da transmissão dos saberes ancestrais às novas gerações.

Fundado a 2 de Fevereiro de 2014, o Grupo Ulengo surgiu da iniciativa de um conjunto de nove membros unidos pelo propósito de manter viva a identidade cultural da comunidade. Entre os fundadores destacam-se Ana Tchavua, actual secretária e líder do grupo, Deolinda Waisa, presidente, bem como Arminda, Mena, Esperança, Cília, Salvador, Mingo e Fausto, que fizeram parte dos primeiros passos desta iniciativa cultural.

Ao longo dos anos, o grupo conheceu um crescimento significativo, passando dos 9 elementos fundadores para 32 integrantes, testemunhando o interesse crescente da comunidade em preservar e promover o património cultural local.

Sob a liderança de Ana Tchavua e da presidente Deolinda Waisa, o Ulengo afirma-se como um espaço de encontro entre gerações, onde a tradição continua a ser cultivada com orgulho e dedicação.

Em entrevista à revista, Ana Tchavua afirmou que a participação do Ulengo na 5ª edição do Festival Ngeya 2026 representa mais um momento de afirmação do compromisso do grupo com a divulgação da riqueza cultural do município de Camanongue e da província do Moxico.

Natural de Saurimo, na província da Lunda Sul, Ana Tchavua encontrou em Camanongue um lugar para desenvolver o seu trabalho em prol da cultura, contribuindo para fortalecer a identidade e a memória colectiva da região.

RESUMO:

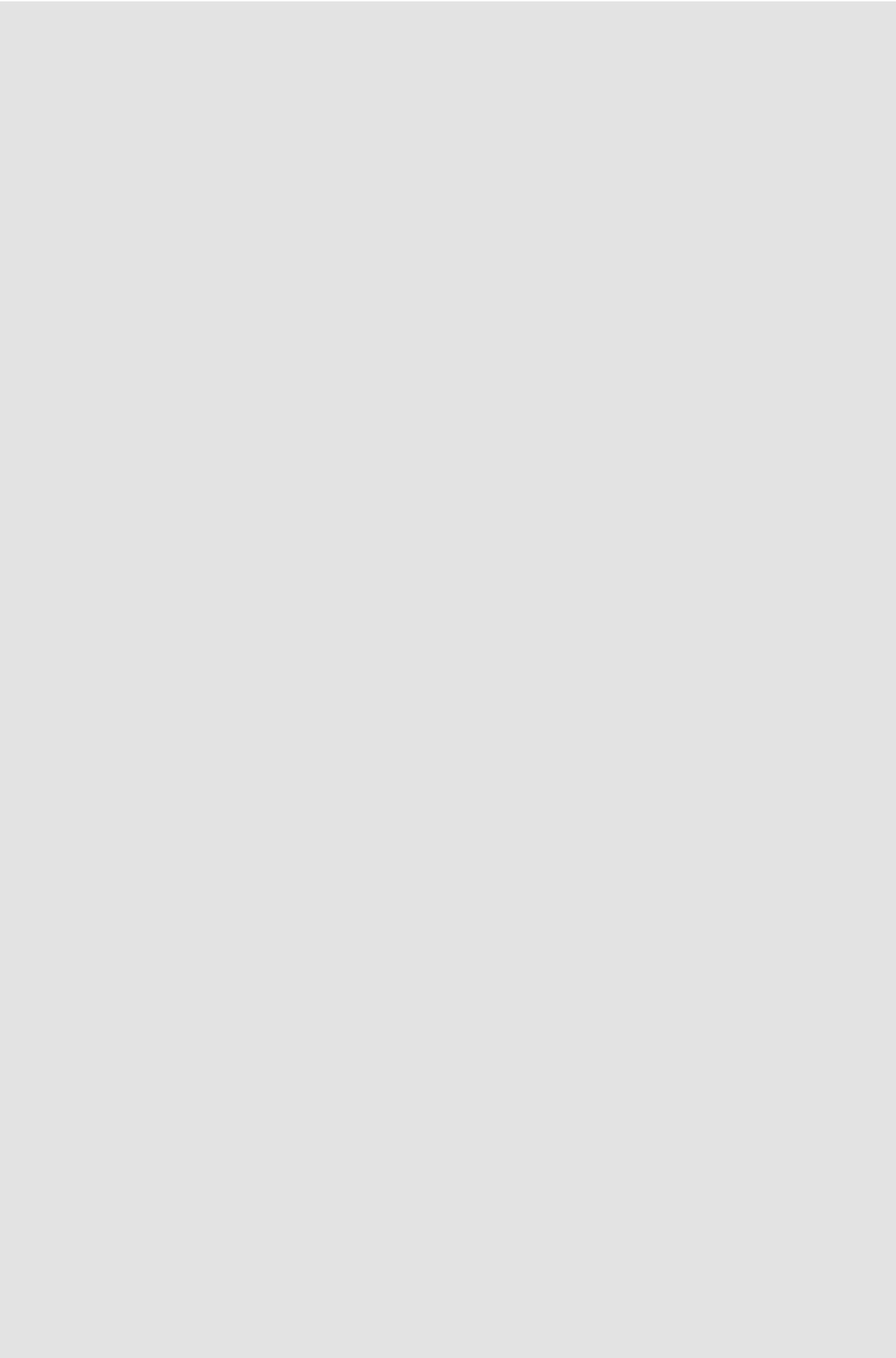
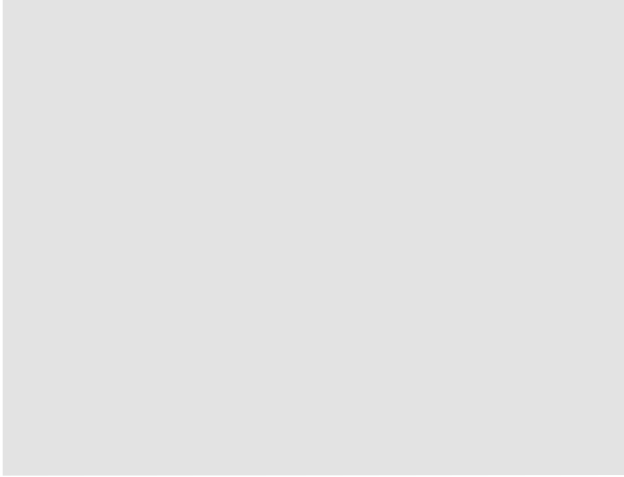
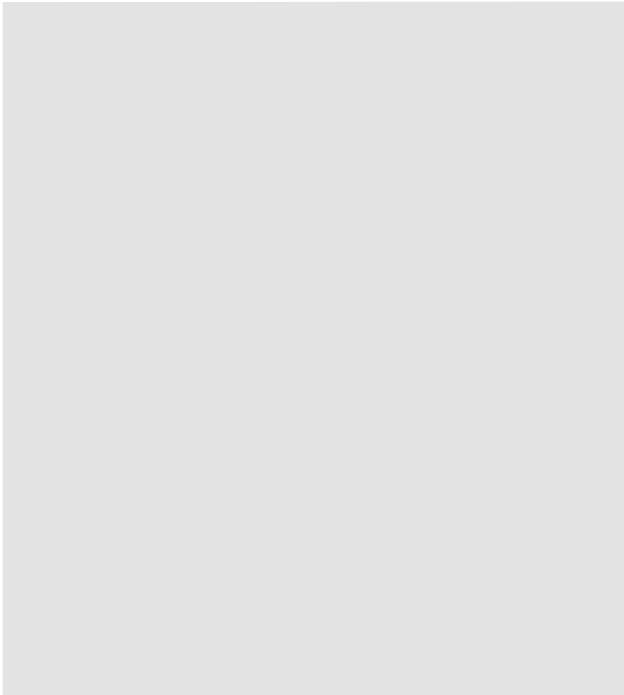
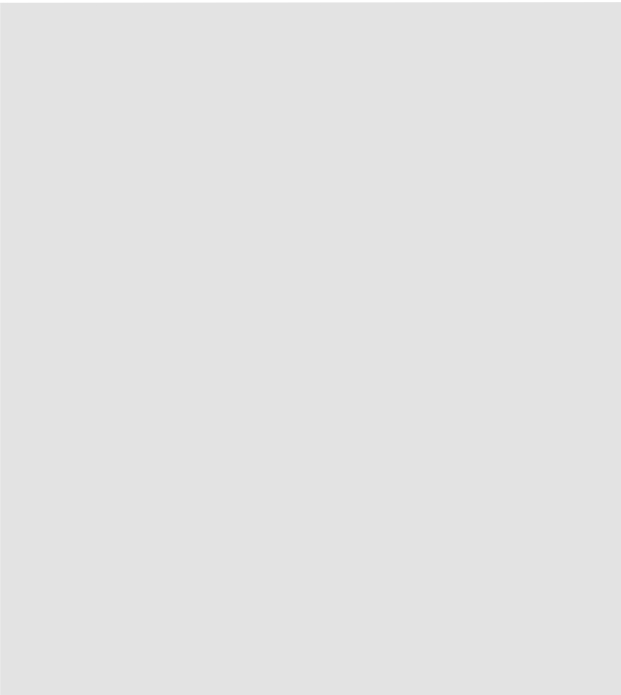
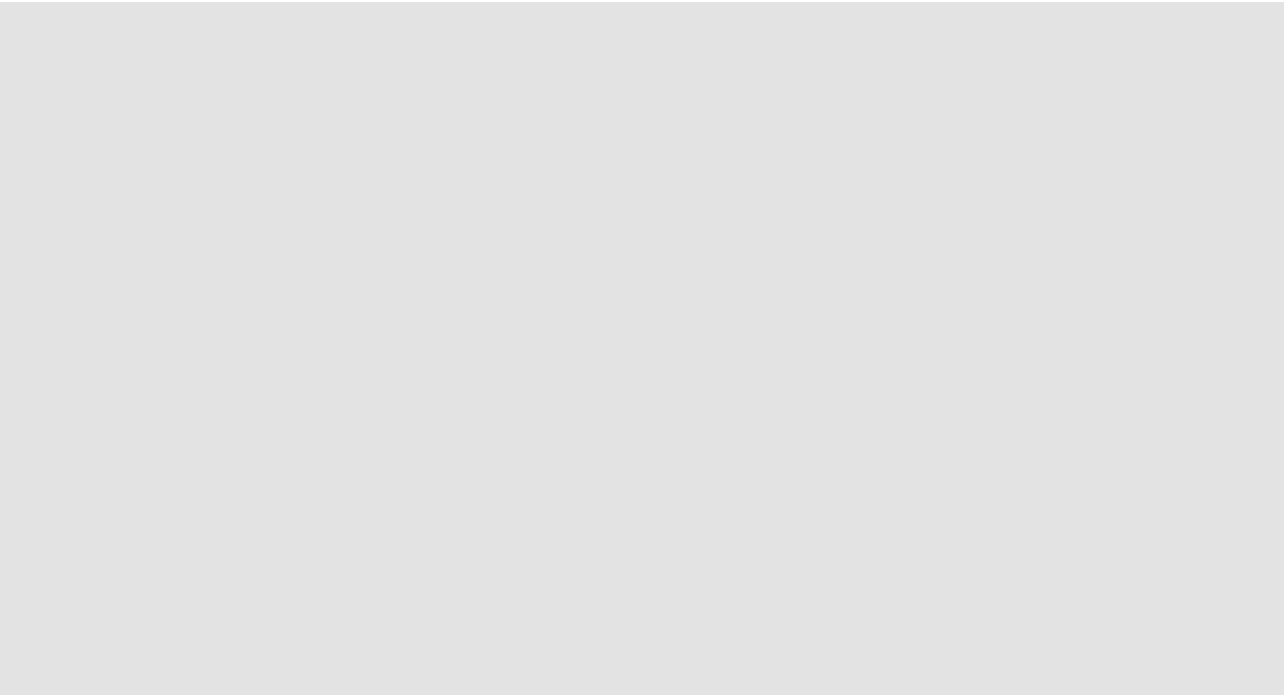
Nome do Grupo: Ulengo

Província: Moxico

Município: Camanongue

Data de Fundação: 2 de Fevereiro de 2014

Fundador(es): Ana Tchavua, Deolinda Waisa, Arminda, Mena, Esperança, Cília, Salvador, Mingo e Fausto



KOMOQUENO: A HERANÇA VIVA QUE ATRAVESSA GERAÇÕES NA LUNDA SUL

Com quase meio século de existência, o Grupo Komoqueno é um dos mais antigos colectivos culturais da província da Lunda Sul tido como guardião de saberes ancestrais ligados às danças tradicionais e aos rituais de iniciação.

Fundado em 1978, no município de Muconda, província da Lunda Sul, o Grupo Komoqueno nasceu da iniciativa dos anciãos David Skupende e Remi Luembe, reconhecidos pela comunidade como mestres da tradição e responsáveis pela transmissão dos conhecimentos culturais às gerações mais jovens.

O nome Komoqueno significa “assustar”, sendo uma designação que remete para elementos simbólicos presentes nas manifestações tradicionais da região.

Paralelamente, o grupo desenvolve um núcleo de formação denominado Tisa Sony, constituído pelos aprendizes que recebem ensinamentos dos mestres mais velhos, assegurando a continuidade das práticas culturais e a preservação dos saberes ancestrais.

Actualmente, o colectivo conta com 42 integrantes, distribuídos entre crianças, jovens e adultos que dedi-

cam dias e noites, por isso tornou-se uma referência na preservação do patrimônio cultural do município de Muçuna, mantendo viva uma herança transmitida de geração em geração.

Em entrevista exclusiva, o responsável afirmou que a delegação presente no Festival Ngeya 2026 foi formada pelos membros mais experientes, responsáveis por orientar os mais novos e garantir a autenticidade das apresentações de coreografias que contam com adultos, jovens e crianças, este último grupo, que iniciam o seu percurso cultural ainda muito cedo, integrando o processo de aprendizagem a partir dos 7 anos de idade.

O repertório artístico do Komoqueno é constituído por danças tradicionais como Tchianda, Akishe e Tisela, expressões profundamente enraizadas na identidade cultural da Lunda Sul.

“Além das apresentações públicas, temos desempenhado um papel relevante nos rituais tradicionais de iniciação, colaboramos na formação dos jovens através da música, da dança e da utilização de instrumentos e máscaras cerimoniais que fazem parte do patri-

mónio cultural local”, referiu Luembe Tchambi, porta-voz do grupo.

Ao longo da sua história, o Komoqueno participou em inúmeras actividades culturais promovidas dentro e fora da província. Entre os momentos mais marcantes destacam-se a participação na inauguração da Sociedade Mineira de Catoca, em 2002, a presença nas feiras e eventos realizados nas províncias do Huambo, Benguela, Bengo e Luanda, onde representam a riqueza cultural da Lunda Sul.

O conjunto participa pela segunda vez no Festival Ngeya, depois da sua estreia na primeira edição realizada na província da Lunda Norte.

"O festival Ngeya é para nós uma oportunidade única de intercâmbio cultural, permitindo conhecer novas expressões artísticas, trocar experiências com outros grupos e reforçar o compromisso colectivo com a preservação das tradições angolanas", declarou o porta-voz.

A sua longa trajetória não impediu do Komoqueno enfrentar desafios relacionados com a falta de financia-

mento para a aquisição de materiais indispensáveis às suas actividades, nomeadamente máscaras tradicionais, instrumentos musicais e outros adereços utilizados nas apresentações e nos rituais culturais. Ainda assim, explicou o responsável, a dedicação dos seus mestres e aprendizes continua a garantir que este importante legado permaneça vivo e seja transmitido às futuras gerações.

RESUMO

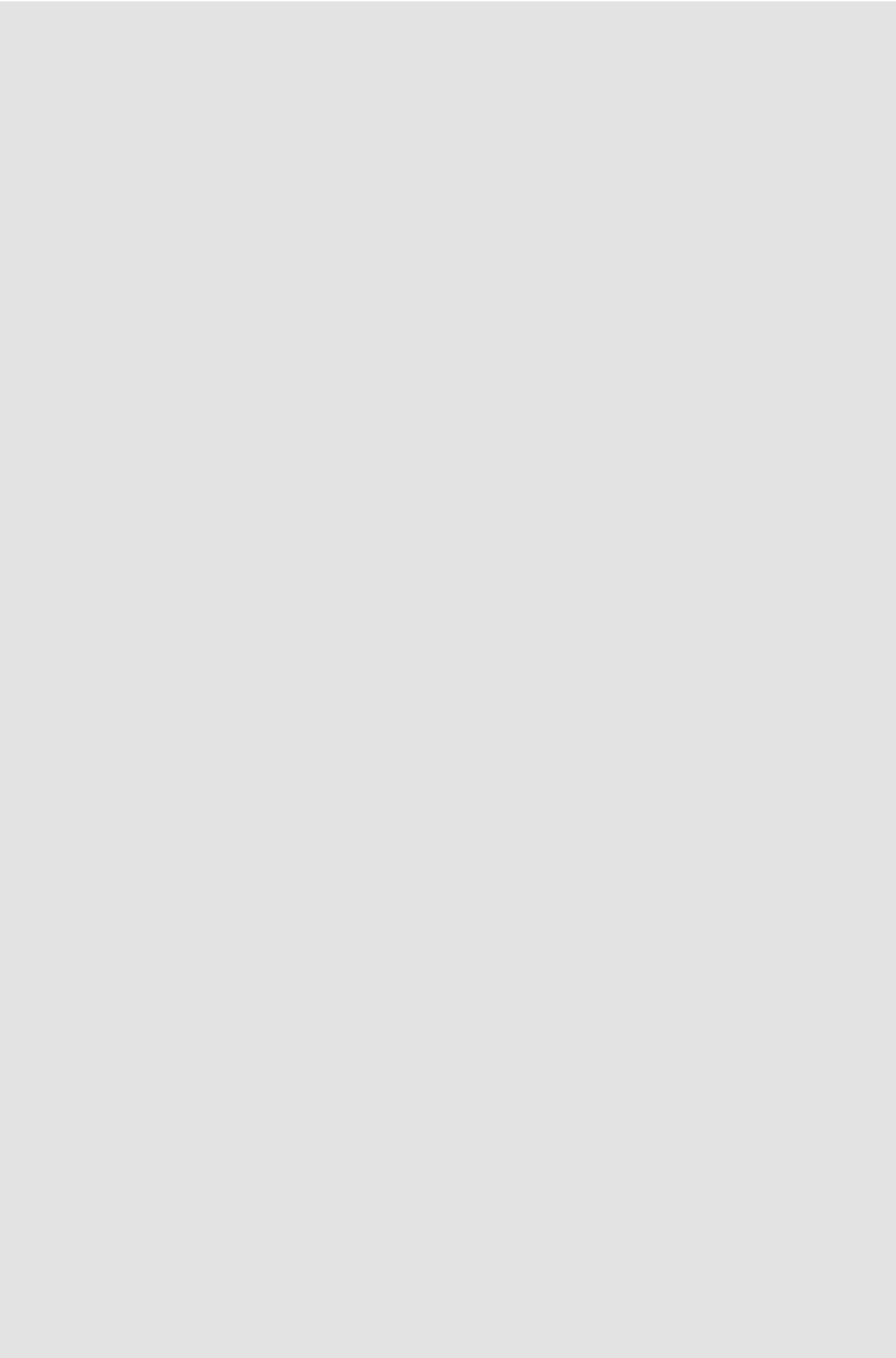
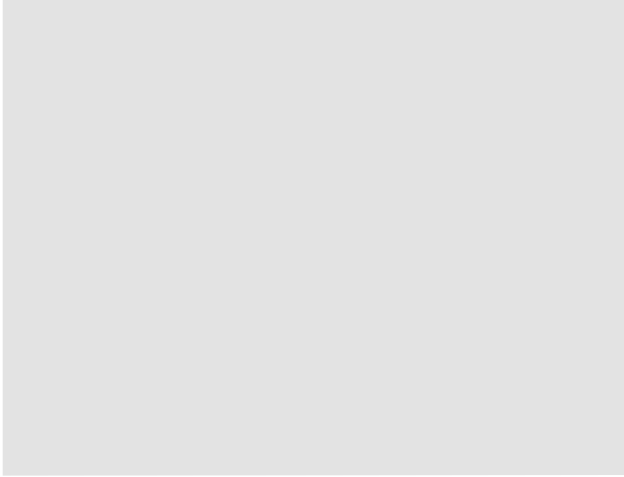
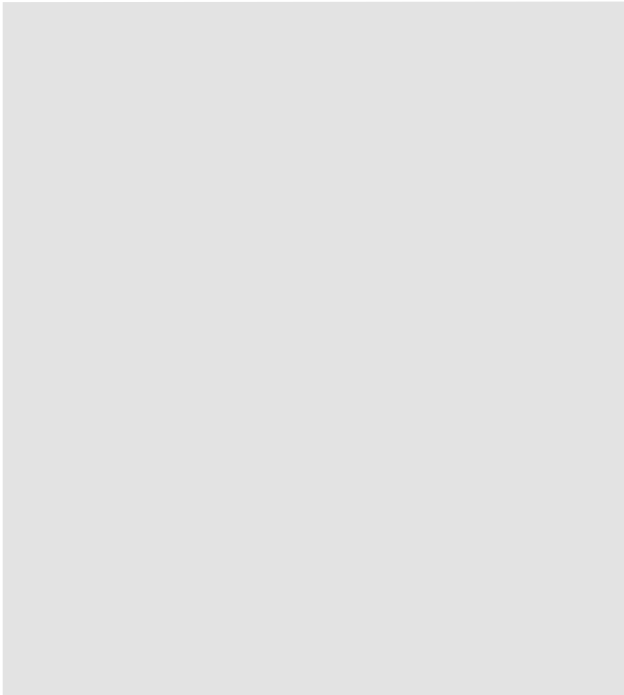
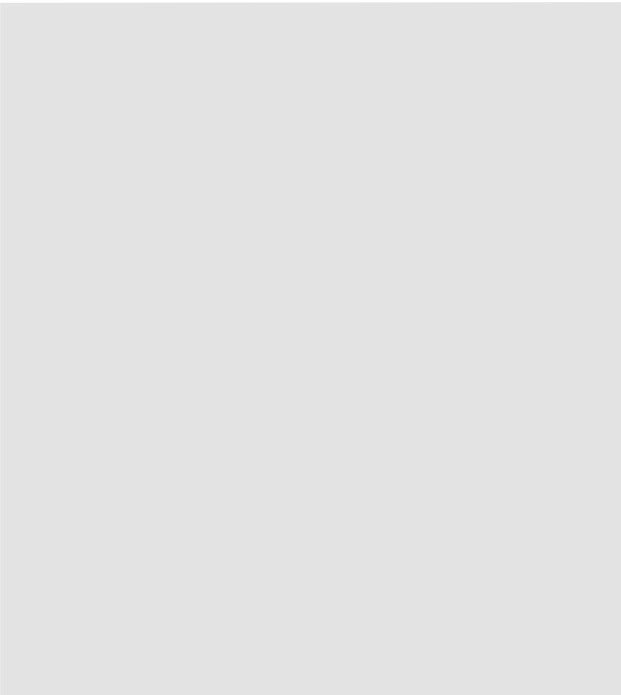
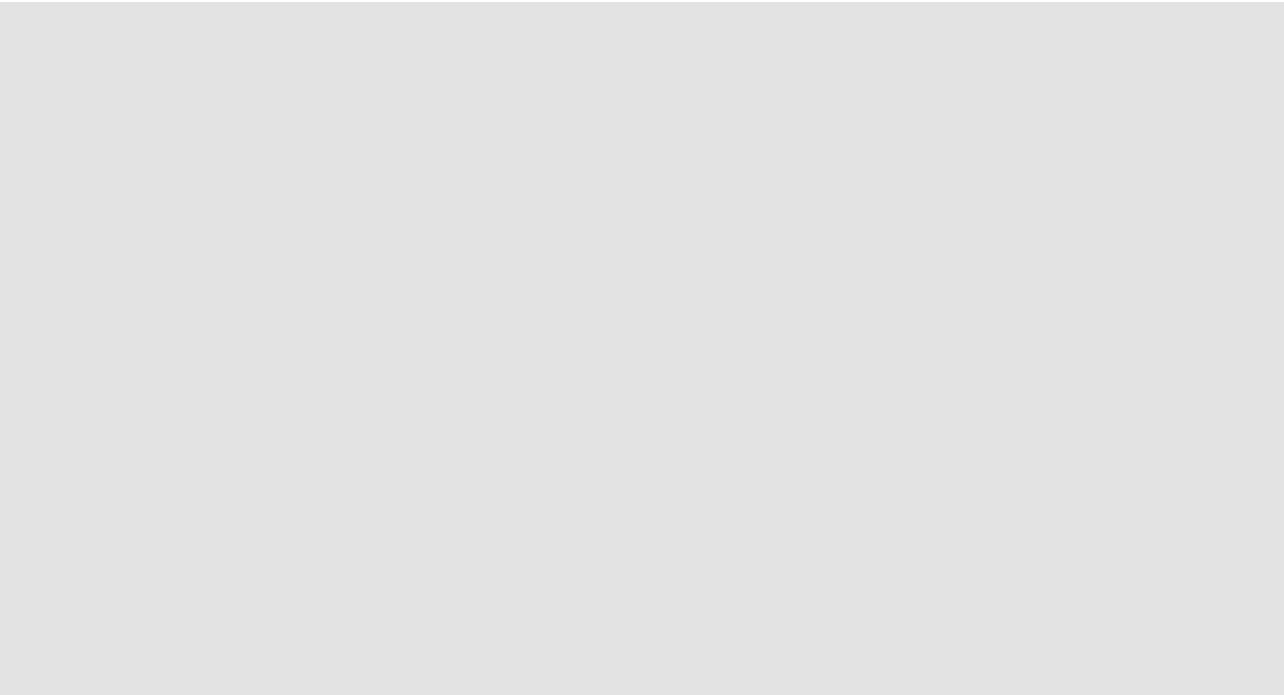
Nome do Grupo: Komoqueno

Província: Lunda Sul

Município: Muçanda

Data de Fundação: 1978

Fundador(es): David Skupende e Remi Luembe



GRUPOS DO
NGEYA 2026
BLOCO II



MARINGA:

A DANÇA QUE RENASCEU PARA PRESERVAR A MEMÓRIA DA LUNDA NORTE

Entre as mais emblemáticas manifestações culturais da Lunda Norte, o Grupo Musical e de Dança Maringa ocupa um lugar de destaque pela sua capacidade de transformar a memória colectiva em resistência cultural.

Nascido das tradições dos antigos habitantes do Cambulo e preservado ao longo de décadas por sucessivas gerações, o grupo tornou-se símbolo do orgulho identitário do bairro 1.º de Maio, no município do Dundo.

O Grupo Musical e de Dança Maringa foi fundado em 1960, no bairro 1.º de Maio, município do Dundo, província da Lunda Norte, por antigos residentes provenientes do município do Cambulo, entre os quais se destacam os mestres que mantiveram viva a tradição da dança Maringa nas comunidades locais.

Segundo a memória dos seus integrantes, o grupo desenvolveu as suas primeiras activi-

dades junto ao antigo Museu do Dundo, onde a prática cultural reunia habitantes e apreciadores da tradição Lunda.

Ao longo dos anos, a Maringa afirmou-se como uma dança profundamente ligada à identidade dos povos da região, executada em pares e acompanhada por uma linguagem própria das tradições chokwé e Lunda. Mais do que uma simples coreografia, a Maringa representa uma forma de convivência social, celebração comunitária e afirmação cultural, sendo frequentemente comparada a outras danças populares angolanas pela elegância dos movimentos e pela forte participação colectiva.

Na década de 1990, o grupo atravessou um período de declínio, motivado por dificuldades financeiras e pela falta de apoio organizativo, chegando mesmo a interromper as suas actividades. Mas foi em 2002 que um grupo de

jovens do bairro 1.º de Maio decidiu resgatar a tradição, convencido de que uma manifestação tão representativa da cultura da Lunda Norte não poderia desaparecer. A reorganização do colectivo marcou um novo capítulo na história da Maringa e permitiu que a dança voltasse a ocupar um lugar de destaque nas festividades locais.

O Carnaval municipal do Dundo marcou o renascimento do grupo, onde cerca de 20 a 30 jovens se uniram para representar o bairro. Logo na primeira participação, após a reorganização, o grupo conquistou o primeiro lugar, devolvendo visibilidade a uma dança que havia permanecido ausente dos grandes eventos culturais da província durante vários anos.

Actualmente, o Maringa participa regularmente em casamentos, actividades governamentais, eventos institucionais e festividades comunitárias, além de já ter actuado em Luanda a convite da então ministra da Cultura, Carolina Cerqueira, depois de uma apresentação que despertou grande admiração do público e das autoridades culturais.

Um dos traços distintivos do grupo é a indumentária, cuidadosamente preparada para cada apresentação. “Os bailarinos utilizam calças sociais, camisas, gravatas, cabedais e outros acessórios que conferem elegância à dança, enquanto os figurinos femininos complementam a estética tradicional do espectáculo”, frisou Zito João Zinho, acrescentando que as cores variam entre branco, preto, vermelho e amarelo, permitindo que cada apresentação tenha uma identidade visual própria.

O grupo participa pela terceira vez no Festival Ngeya, onde se tornou conhecido pela capacidade de surpreender o público com figuri-

FESTIVAL DE MÚSICA DANÇA REGIONAL LESTE
nos diferentes entre o desfile, o ensaio geral e
a apresentação oficial em palco.

O responsável declarou que o festival representa um espaço de valorização da música e da dança tradicional, bem como uma oportunidade de intercâmbio com grupos provenientes de várias províncias do país.

Apesar do reconhecimento conquistado, o Maringá continua a enfrentar desafios relacionados com a aquisição de instrumentos, pelas utilizadas nos batuques, transporte e confecção das indumentárias, elementos indispensáveis para manter a qualidade das apresentações e a continuidade do trabalho cultural desenvolvido pela comunidade.

Sob a liderança de Zito Joãozinho, responsável pelo grupo, o Maringa continua a afirmar-se como um dos grandes guardiões da tradição lunda, defendendo que a preservação da cultura exige não apenas paixão e dedicação, mas também políticas públicas e apoio institucional capazes de levar a música e a dança tradicional angolana para todas as províncias e, futuramente, para os palcos internacionais.

RESUMO

Nome do Grupo: Maringa

Província: Lunda Norte

Município: Dundo

Data de Fundação: 1960

Fundador(es): Antigos residentes provenientes do município do Cambulo, mestres da tradição Maringa ligados à comunidade do bairro 1.º de Maio.

Líder/Responsável: Zito Joãozinho

TCHACO TXA

UTXOKWE

TRANSFORMA PAIXÃO EM CULTURA
PROFUNDA DA LUNDA NORTE

Movido pelo profundo amor à cultura chokwé e pela determinação de impedir que as tradições ancestrais desaparecessem com o tempo, o Grupo Tchaco Txa Utxokwe nasceu para assegurar a continuidade de um dos mais ricos patrimónios culturais do leste de Angola.

Com origem do município do Dundo, na província da Lunda Norte, o colectivo tornou-se, em poucos anos, uma das maiores referências da dança tradicional da região, conquistando reconhecimento pela autenticidade das suas apresentações e pelo trabalho desenvolvido junto da juventude.

Fundado em 2018, no município do Dundo, província da Lunda Norte, o Grupo Tchaco Txa Utxokwe surgiu por iniciativa de Evaristo Machingo Mwatsissengue, que transformou a sua paixão pela cultura tradicional numa missão de preservação da identidade do povo tchokwe. O nome do grupo, em língua chokwé, significa “A nossa tribo”, reflectindo o compromisso de valorizar as raízes culturais e fortalecer o sentimento de pertença das novas gerações.

Ainda muito jovem, Evaristo decidiu criar o grupo inspirado pelas apresentações dos antigos mestres da dança tradicional do Museu do Dundo, reconhecidos como uma verdadeira escola para muitos artistas da

região. Embora nunca tivesse integrado um grupo cultural, acompanhava atentamente os desfiles carnavalescos e os ensaios dos mais velhos, convencido de que era necessário garantir que aquele patrimônio não desaparecesse com o passar das gerações.

Atualmente, o colectivo reúne 96 integrantes, constituindo um dos maiores grupos culturais da província. Para além da dimensão artística, o Tchaco Txa Utxokwe desempenha um importante papel social, incentivando crianças e jovens a reencontrarem o orgulho pelas suas origens e pela riqueza da cultura chokwé.

Desde a sua criação, o grupo construiu um percurso marcado por sucessivos êxitos no Carnaval do Dundo.

Após um período inicial de preparação, estreou-se na edição de 2020, conquistando imediatamente o primeiro lugar. O feito repetiu-se nas edições seguintes, consolidando o grupo como uma referência incontornável da dança tradicional no município e ao longo da sua trajectória carnavalesca, o colectivo manteve um desempenho de excelência, distinguindo-se pela qualidade artística e pela fidelidade às expressões culturais da região.

As apresentações do grupo valorizam quatro dos principais estilos tradicionais da cultura chokwé, que são o candjenge, cassicumuna, candoa e camanjaixi, executados exclusivamente ao som de canções interpretadas em língua chokwé, preservando integralmente a autenticidade linguística e musical da tradição.

Para além das suas actividades na Lunda Norte, o grupo tem representado a província em importantes eventos nacionais. Entre as suas participações destacam-se presenças na Feira Internacional de Luanda (FILDA), as comemorações dos 50 anos da Independência Nacional, em Luanda, bem como diversas representações oficiais do antigo município do Chitato e, actualmente, do município do Dundo.

O grupo regressa igualmente ao Festival Ngeya, onde participa pela segunda vez, reafirmando o seu compromisso com a valorização das culturas do leste angolano.

Apesar do reconhecimento conquistado ao longo destes anos de trabalho, o maior desafio identificado pelo seu fundador continua a ser o envolvimento das novas gerações na preservação da cultura tradicional.

Segundo Evaristo Mwatsissengue, muitos jovens ainda desconhecem o valor destas manifestações culturais ou deixam-se seduzir por outras tendências artísticas, o que tem levado o grupo a desenvolver um trabalho permanente de sensibilização, demonstrando que a

“O Festival Ngeya representa muito mais do que um espaço de apresentação artística. Constitui uma plataforma de aprendizagem, intercâmbio e fortalecimento dos laços entre os diferentes povos do leste de Angola”, afirmou Mwatsissengue, defendendo, por isso, que o evento continue a crescer, envolvendo futuramente também as províncias do sul do país, ampliando a partilha de experiências e promovendo uma verdadeira integração das expressões culturais angolanas.

RESUMO

Nome do Grupo: Txiaco Txa Utxokwe

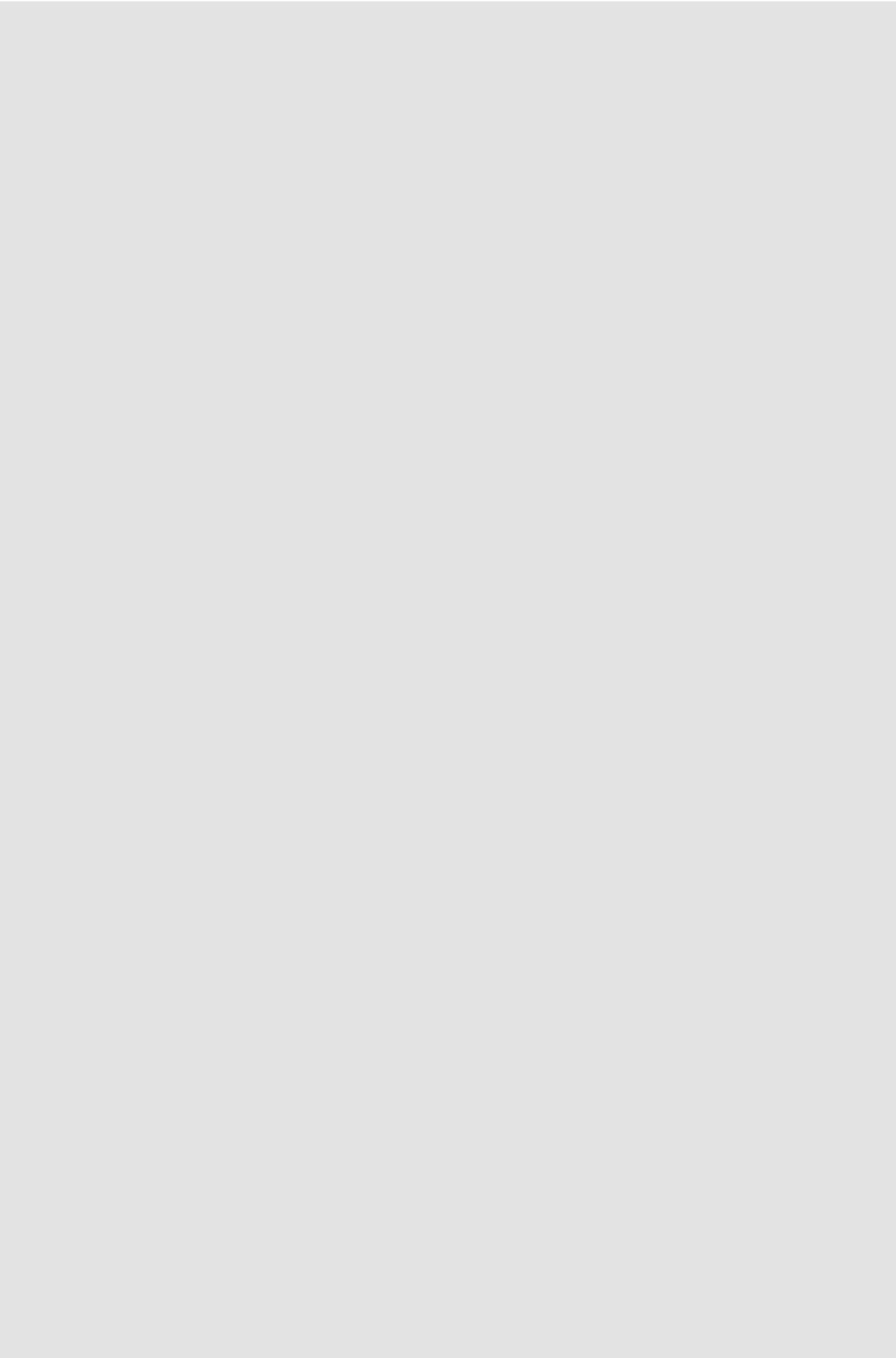
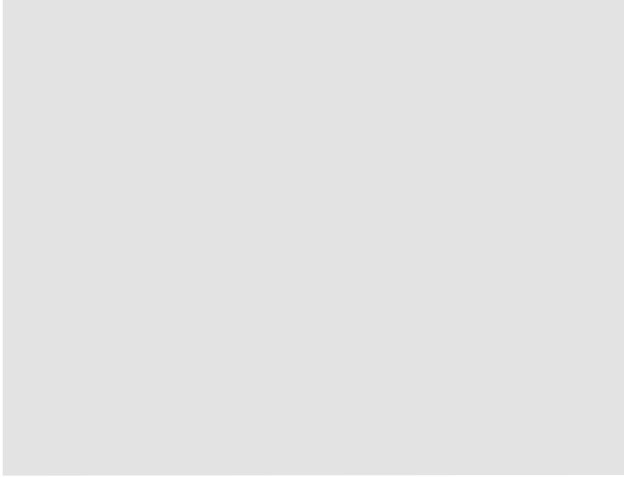
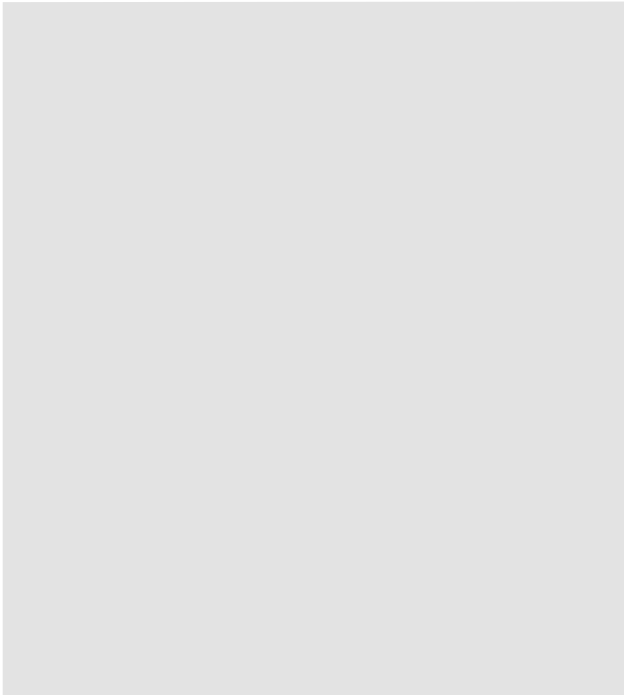
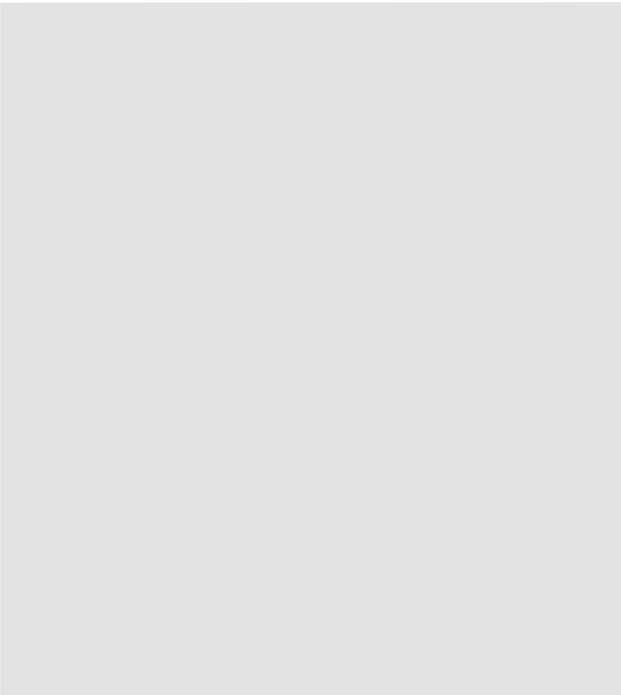
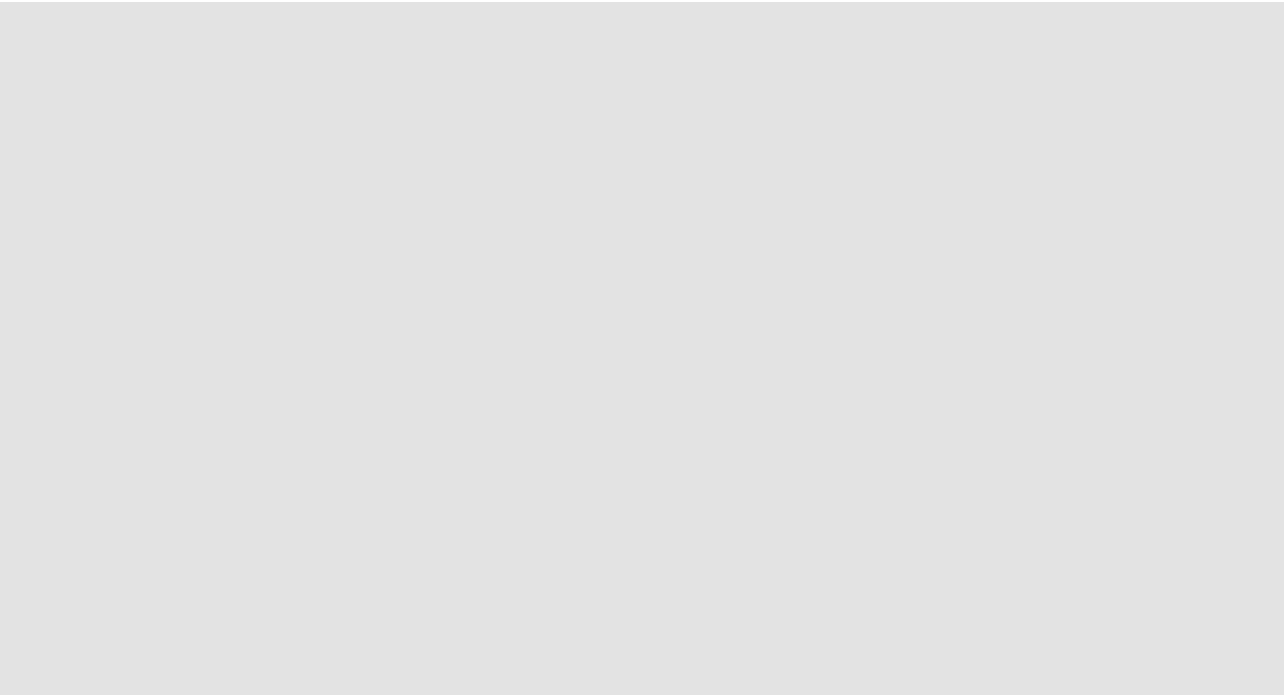
Província: Lunda Norte

Município: Dundo

Data de Fundação: 2018

Fundador(es): Evaristo Maxingo Mwatsissengue

Líder/Responsável: Evaristo Maxingo Mwatsissengue



ULEMO WA TCHAKO:

UMA NOVA GERAÇÃO AO SERVIÇO DA TRADIÇÃO DA
LUNDA SUL

Embora seja um dos mais recentes colectivos culturais da Lunda Sul, Ulemo Wa Tchako nasceu com uma missão baseada na preservação, promoção e transmissão das danças tradicionais do povo tchokwé.

Formado por jovens comprometidos com a valorização da cultura, o grupo representa a renovação de um património que continua vivo graças ao empenho daqueles que recusam deixar desaparecer as suas raízes.

Fundado a 10 de Fevereiro de 2025, no município de Saurimo, província da Lunda Sul, o grupo Ulemo Wa Tchako surgiu da iniciativa de cinco jovens apaixonados pela cultura tradicional, nomeadamente Dino Mutepa, Orlando Maquena, Tito Tchiambi, Paulos Bernardos e Adimilson Lili.

“Unimos a nossa visão pelo propósito de revitalizar as manifestações culturais da região e decidimos criar um espaço dedicado à preservação e divulgação das danças ancestrais do leste de Angola para a nova geração”, frisou.

Apesar da sua recente criação, o grupo conta actualmente com 30 integrantes, entre os quais 10 crianças e 20 adultos, demonstrando desde cedo a preocupação em formar uma nova geração de praticantes e assegurar a continuidade das tradições culturais.

O repertório artístico do Ulemo Wa Tchako assenta em três das mais representativas danças tradicionais da região como tchianda, tchisela e aquixe, manifestações profundamente enraizadas na identidade cultural da província da Lunda Sul.

O responsável do agrupamento fez saber que estas expressões artísticas preservam os ritmos, os movimentos e os simbolismos herdados dos antepassados, constituindo deste modo num importante testemunho do património imaterial do povo tchokwé.

Apesar de ainda não participar oficialmente nos desfiles carnavalescos com identidade própria, os membros do grupo acumulam experiência como instrutores e coreógrafos convidados por outras formações cultu-

rais. Por isso, dentre os trabalhos realizados destaca-se a preparação técnica de grupos carnavalescos do município de Muçunda, contribuindo para a valorização das danças tradicionais em diferentes contextos culturais.

Para além das actividades comunitárias, o Ulemo Wa Tchako participa regularmente em recepções oficiais, cerimónias protocolares, galas, casamentos e outros eventos sociais e institucionais promovidos na província da Lunda Sul, afirmando-se progressivamente como uma referência emergente da cultura regional.

A participação no Festival Ngeya 2026, no Luena, representou a estreia do grupo num dos maiores palcos de promoção da cultura do leste do país.

Em entrevista exclusiva, Dino Mutepa, fundador e responsável do colectivo, afirmou que integrar o festival constitui motivo de orgulho e uma oportunidade de apresentar ao público a riqueza das tradições chokwé, ao mesmo tempo que permite aprender com outros grupos e fortalecer o intercâmbio cultural entre as províncias participantes.

Como muitos grupos em fase de consolidação, o conjunto tem enfrentado desafios relacionados com a escassez de recursos financeiros, indispensáveis para a aquisição de indumentárias, batuques, zombolo, tchotchca e outros instrumentos tradicionais que enriquecem as suas apresentações. Apesar das limitações, o grupo continua a procurar parcerias institucionais e comunitárias que lhe permitam crescer e consolidar o seu trabalho.

Mais do que um projecto artístico, o Ulemo Wa Tchako tem-se assumido como uma plataforma de preservação da memória colectiva da Lunda Sul, defendendo que a preservação das tradições depende da participação activa da juventude e da transmissão permanente dos saberes ancestrais às gerações vindouras.

RESUMO

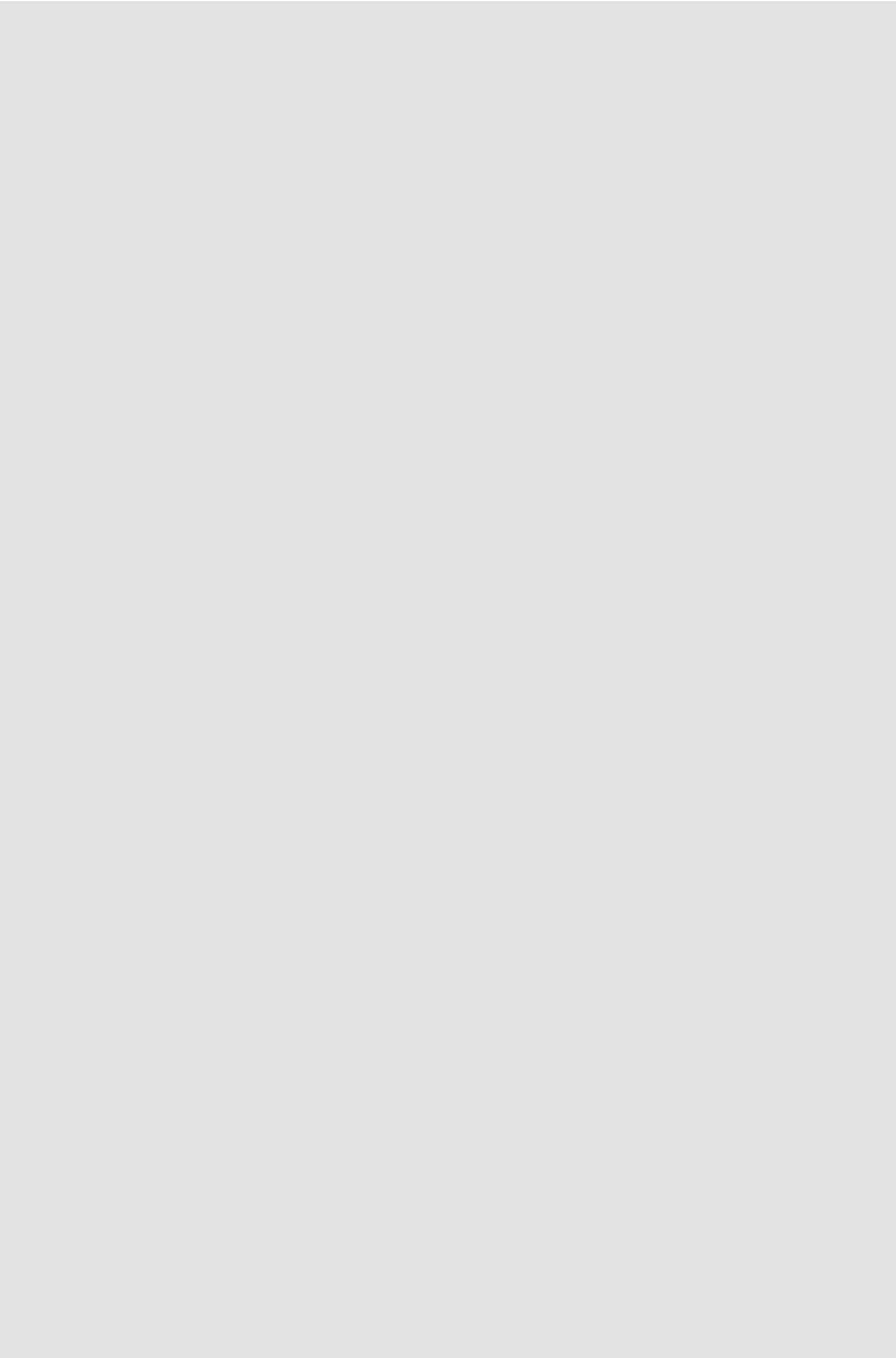
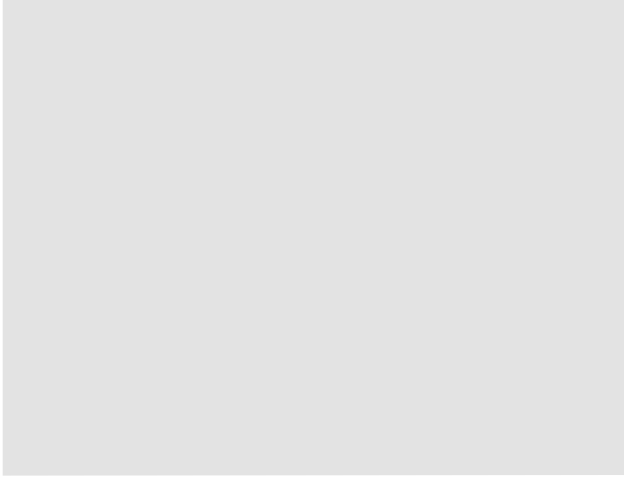
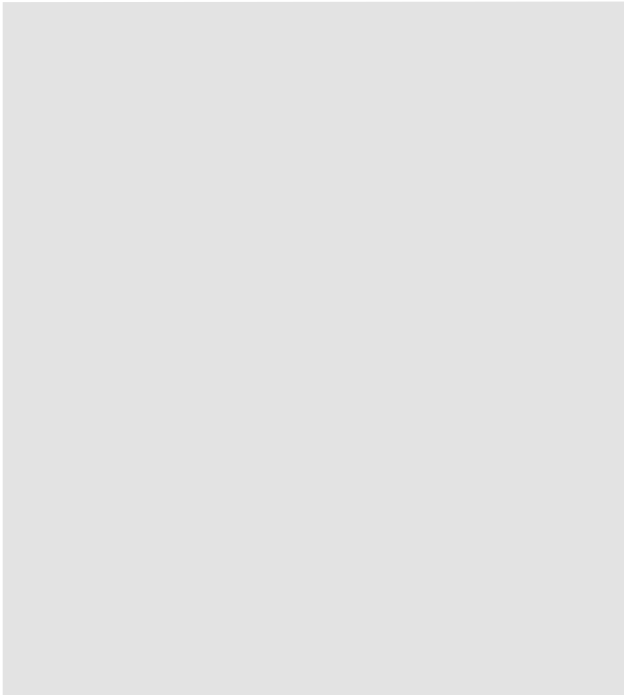
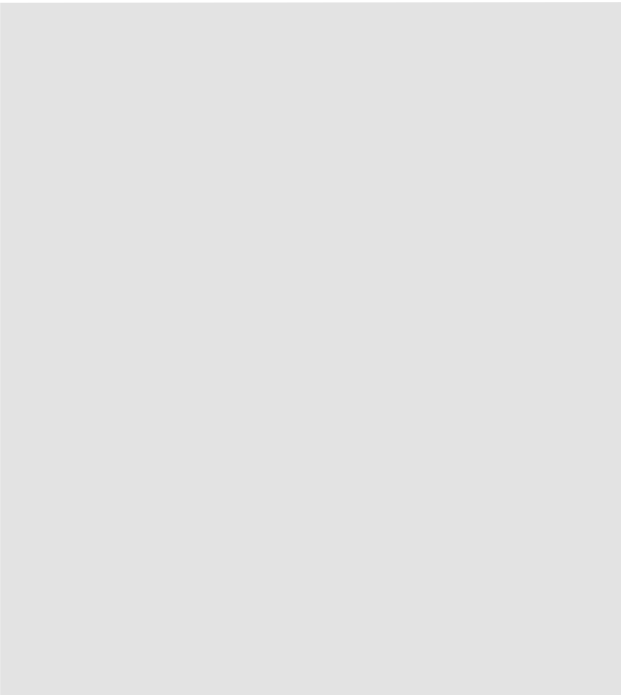
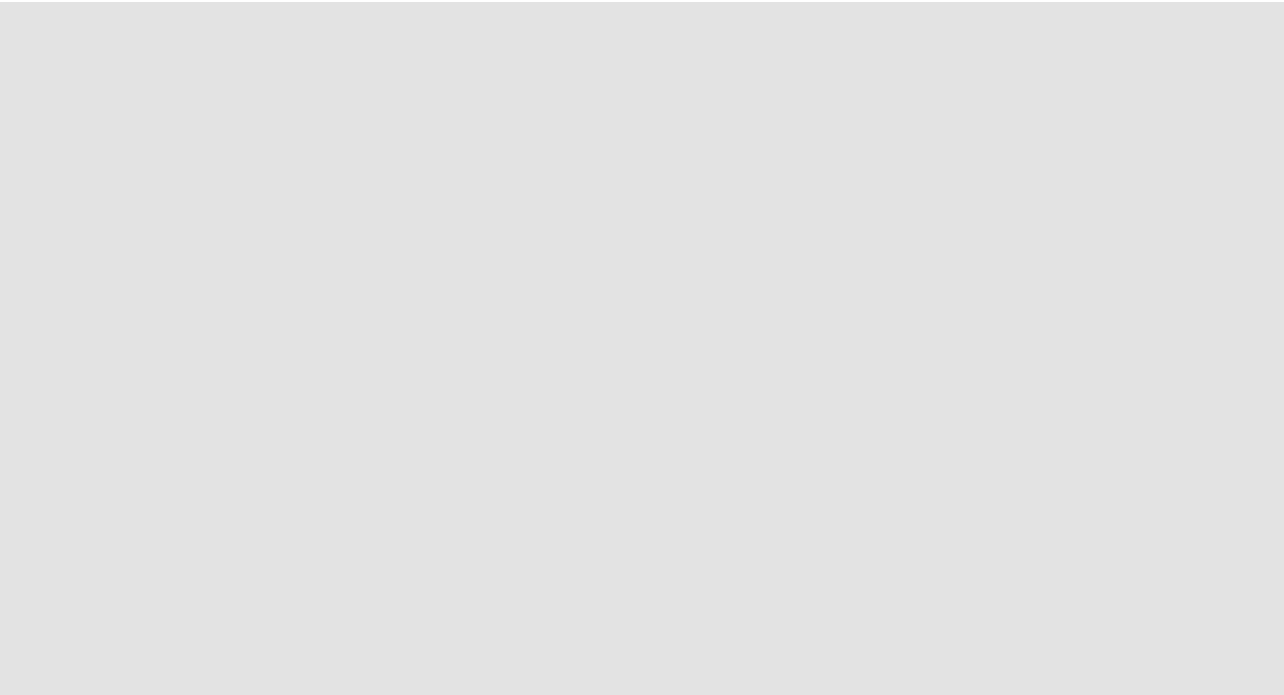
Nome do Grupo: Ulemo Wa Tchako

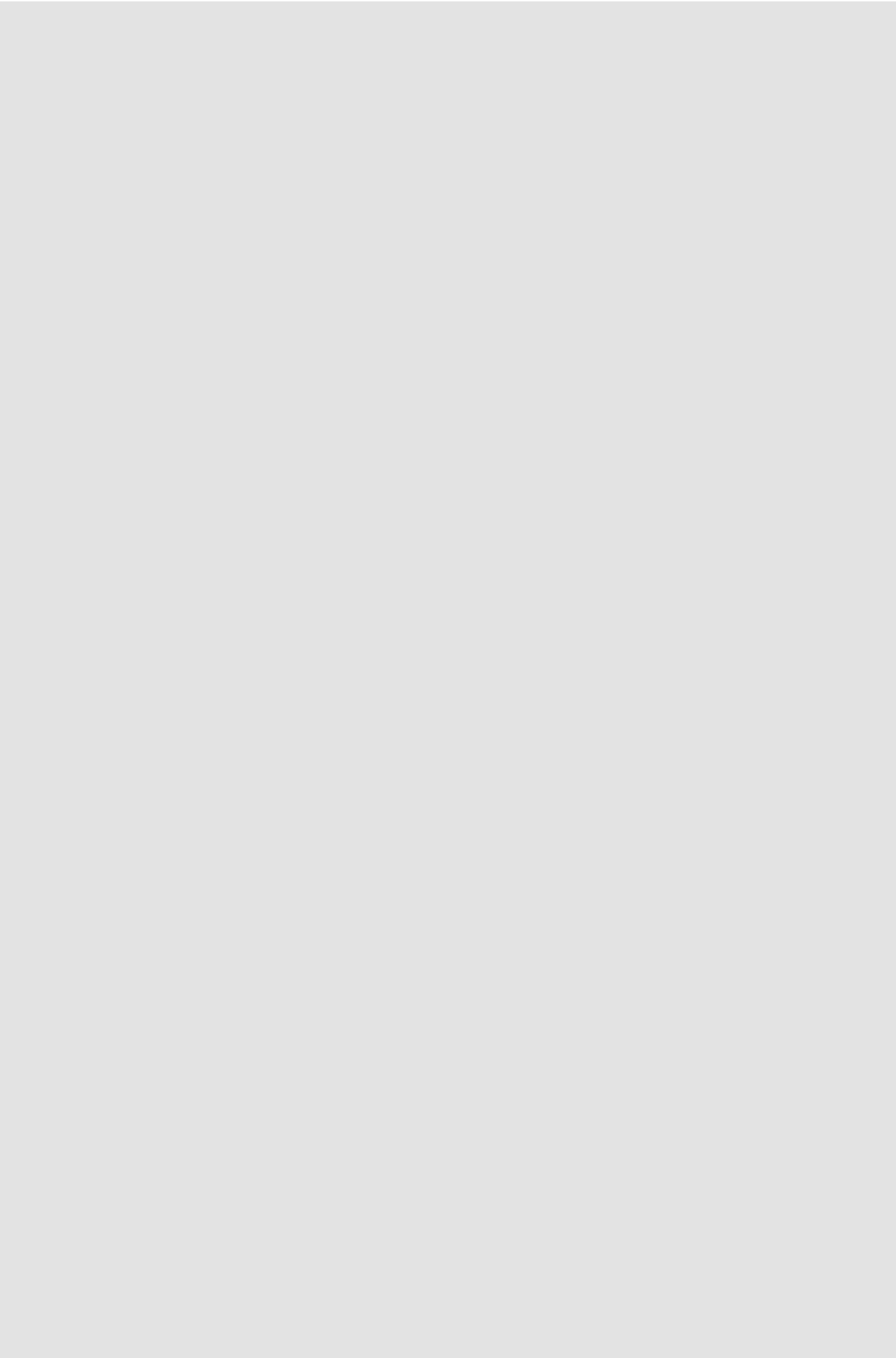
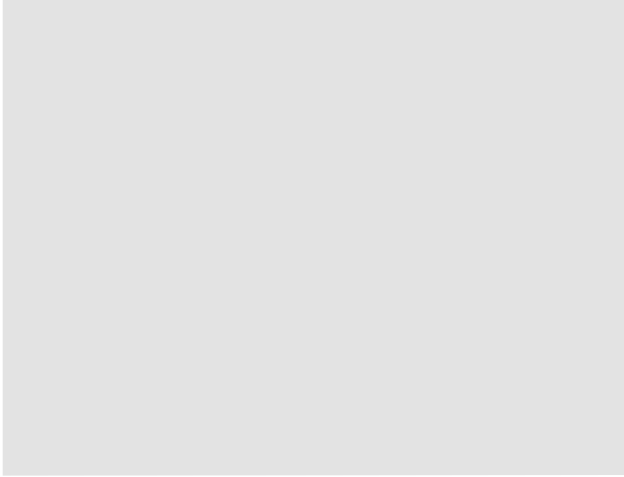
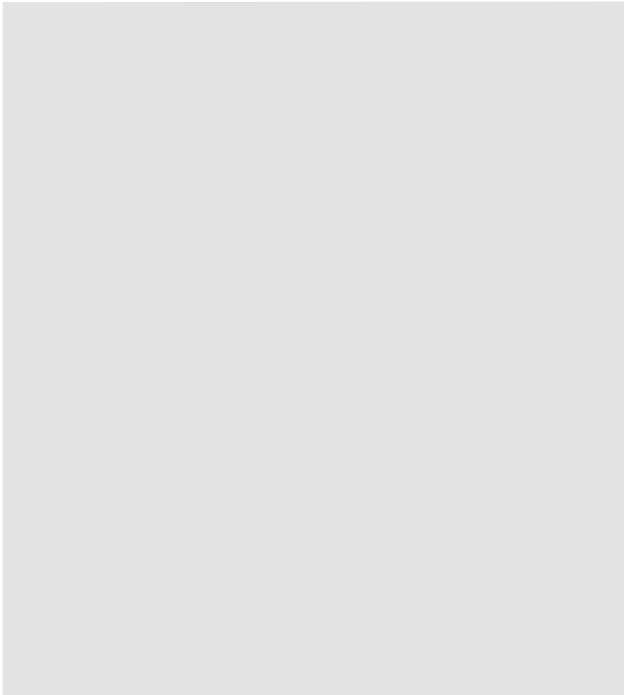
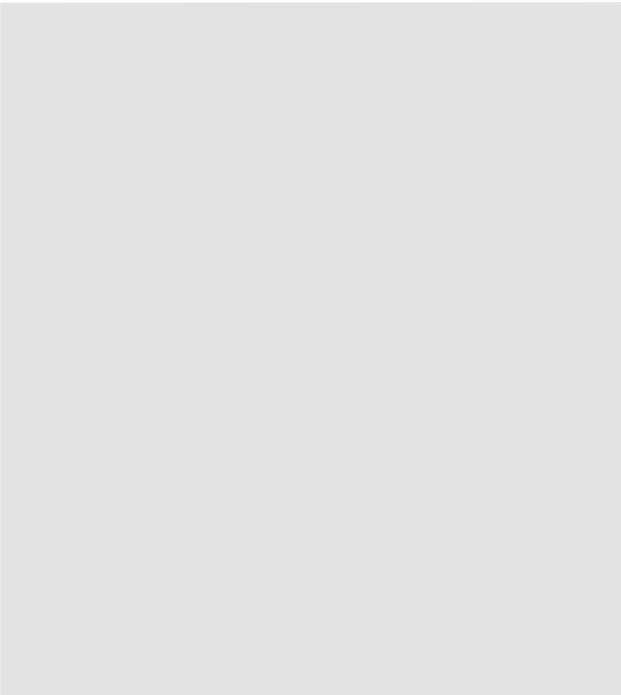
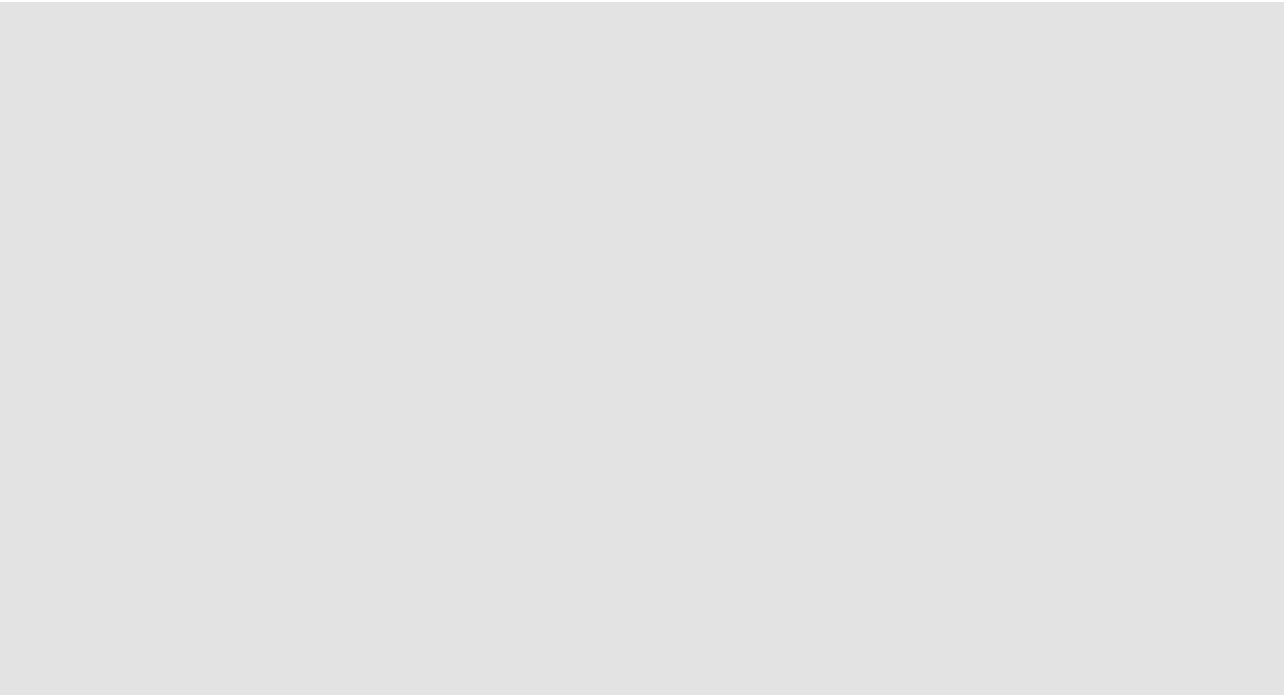
Província: Lunda Sul

Município: Saurimo

Data de Fundação: 10 de Fevereiro de 2025

Fundador(es): Dino Mutepe, Orlando Maquena, Tito Tchiambi, Paulos Bernardos e Adimilson Lili.





**GRUPOS DO
NGEYA 2026
BLOCO III**

GRUPO MARIMBA:
A VOZ VIVA DA TRADIÇÃO MACOMA QUE PRESERVA
A IDENTIDADE DOS BUNDAS

Entre os guardiões do património imaterial da Região Leste de Angola, o Grupo Marimba, proveniente do Município dos Bundas, na província do Moxico, representa uma das mais genuínas expressões da cultura do povo Macoma.

Fundado em 2003, o colectivo nasceu da participação espontânea dos seus integrantes nas actividades culturais da comunidade, consolidando-se posteriormente como um grupo organizado dedicado à valorização das danças, da música tradicional e da transmissão dos saberes ancestrais. O nome Marimba (Malimba) deriva do instrumento tradicional Silimba, cuja sonoridade acompanha as manifestações culturais do povo Macoma e simboliza a voz viva das tradições locais.

Composto por 32 integrantes, dos quais 21 são mulheres, e reunindo participantes com idades compreendidas entre os 18 e os 72 anos, o grupo demonstra que a

cultura atravessa gerações e fortalece o diálogo entre os mais velhos e os mais novos.

Sediado na Comuna do Mussuma, Município dos Bundas, o Grupo Marimba dedica-se à preservação de quatro importantes danças tradicionais Macoma, nomeadamente a Kayowe, marcada pelos movimentos dos ombros e da cabeça; Mena, caracterizada pela expressividade corporal; Sipelu, centrada na elegância dos gestos das mãos; e Silimba, que mobiliza todo o corpo numa representação coreográfica profundamente enraizada na identidade cultural da comunidade.

Ao longo da sua trajectória, o grupo tem participado activamente em eventos institucionais e culturais de relevo nacional. Entre as suas principais participações destacam-se a recepção do antigo Presidente da República José Eduardo dos Santos, em 2011; uma apresentação em Malanje, em 2012, onde foi distinguido

com um prémio de 400 mil kwanzas; uma participação em Luanda, em 2015; e a recepção do Presidente João Lourenço, em 2021. Estas experiências consolidaram o Grupo Marimba como um dos embaixadores da cultura Macoma e um dos mais consistentes representantes do Município dos Bundas.

No Festival Ngeya 2026, o grupo apresenta as suas danças tradicionais como forma de promover o património cultural Macoma e reforçar o intercâmbio entre os povos da Região Leste.

Para os seus integrantes, o festival constitui uma oportunidade privilegiada para aprender com outras manifestações culturais, trocar experiências, fortalecer a identidade colectiva e contribuir para a valorização das tradições angolanas. Ao mesmo tempo, reconhecem o Festival Ngeya como uma importante plataforma de dinamização da cultura e de afirmação das comunidades tradicionais.

Mesmo com o reconhecimento alcançado, o Grupo Marimba continua a enfrentar desafios relacionados com a escassez de meios financeiros, dificuldades de transporte e aquisição de uniformes e equipamentos. Mesmo assim, mantém firme o compromisso de preservar e transmitir às futuras gerações os valores culturais do povo Macoma, demonstrando que a riqueza de uma comunidade reside na capacidade de proteger a memória dos seus ancestrais e transformá-la num legado vivo para o futuro.

A Marimba Gigante de Macoma

Um dos elementos mais emblemáticos do Grupo Cultural Marimba é a Marimba Gigante, um instrumento tradicional de grandes dimensões que constitui o centro da execução musical das danças do povo Macoma.

Construída artesanalmente em madeira resistente, possui uma longa estrutura onde são fixadas várias lâminas sonoras de diferentes tamanhos, permitindo a produção de uma ampla escala de sons graves e agudos. O instrumento é executado simultaneamente por

dois ou mais músicos, utilizando baquetas de madeira revestidas com borracha natural ou outro material amortecedor.

A Marimba Gigante distingue-se não apenas pela riqueza tímbrica, mas também pela sua imponente física. Em regra, apresenta uma dimensão de 3-4 metros de comprimento, aproximadamente 1,5 metro de largura e uma altura que varia entre 80 centímetros e 1 metro, podendo as dimensões variar de acordo com o artesão e a tradição da comunidade que a constrói.

O seu peso obriga normalmente ao transporte e montagem por vários integrantes do grupo e através de camião.

Mais do que um simples instrumento musical, a Marimba Gigante representa um património vivo da cultura Macoma. O seu som acompanha cerimónias tradicionais, festividades comunitárias e apresentações culturais, funcionando como elemento de comunicação, celebração e preservação da memória colectiva.

A sua sonoridade profunda e harmoniosa confere identidade às danças Kayowe, Mena, Sipelu e Silimba, tornando-se um dos maiores símbolos da expressão artística do Município dos Bundas e da riqueza cultural da Região Leste de Angola.

RESUMO

Nome do Grupo: Grupo Cultural Marimba (Malimba)

Província: Moxico

Município: Bundas (Comuna do Mussuma)

Data de Fundação: 2003

Fundador: José Lipepa

Grupo Etnolingüístico: Macoma

Danças Tradicionais: Kayowe, Mena, Sipelu e Silimba

NEJAZ:

**PRESERVAR AS TRADIÇÕES PARA CONSTRUIR
E CONSOLIDAR O FUTURO**

Nascido no coração do Alto Zambeze, o Grupo Nejaz transformou um projecto escolar de sensibilização num dos mais activos colectivos culturais do Leste de Angola. E ao longo da sua trajectória, o grupo consolidou-se como um importante promotor das tradições do povo Luvale, levando a riqueza da cultura do Moxico Leste a festivais nacionais e internacionais.

Originário da então Escola n.º 579, no município de Cazombo, actual província do Moxico Leste, o grupo Nejaz foi fundado a 10 de Novembro de 2010, tendo o seu nome original o acrónimo de Núcleo Esperança Juventude do Alto Zambeze, que traduz o propósito de mobilizar a juventude em torno da valorização da cultura, da educação e da identidade local.

A iniciativa nasceu das mãos dos professores Carlos Lingoma, Estêvão Sónico Ayombo e António Capenda, que decidiram criar inicialmente um grupo teatral dedicado à realização de palestras de sensibilização no ambiente escolar.

Com o passar do tempo e fruto do contínuo empenho dos integrantes, o projecto incorporou poesia, música e danças tradicionais, ultrapassando os limites da visão escolar para se afirmar como um grupo cultural independente e uma referência artística do município.

A inspiração teve origem na experiência adquirida durante a participação em grupos dinamizadores estudantis e nas principais iniciativas culturais desenvolvidas durante a formação académica dos fundadores que, ao regressarem ao Alto Zambeze como professores, sentiram a responsabilidade de criar um espaço que promovesse a participação dos jovens na preservação do património cultural da região.

Atualmente, o Nejaz reúne 36 integrantes, com idades compreendidas entre os 12 e os 40 anos, que desenvolvem um trabalho centrado na valorização das manifestações tradicionais do povo Luvale e tem se consolidado como embaixador da cultura do Moxico Leste.

“O nosso repertório artístico inclui danças como kat-chatcha, Mokolo, tchimbayeca, Currunga e outras expressões culturais características da região”, referiu Carlos Lingoma que embora privilegie a tradição Luvalle, também integram elementos da cultura Lunda-Ndembo, reflectindo a diversidade cultural existente no município de Cazombo.

Ao longo dos seus mais de 15 anos de actividade em prol da cultura, o agrupamento tem participado de eventos culturais de relevo e destacam-se o Festival Tradicional Internacional do Povo Luvale, “Mize”, realizado tanto em Angola como na Zâmbia; a orientação coreográfica de grupos carnavalescos da província; a participação na Feira dos Municípios e Cidades, em Benguela, bem como nas celebrações do Carnaval dos 50 anos da Independência de Angola.

Pela segunda vez no Festival Ngeya

Para os seus integrantes, depois da sua estreia em 2023, festival que já se tornou rotina da cultura Leste representa muito mais do que um palco de apresentação artística.

“Constitui um espaço privilegiado de aprendizagem, intercâmbio cultural e aperfeiçoamento técnico, permitindo conhecer outras realidades culturais e enriquecer continuamente o seu trabalho”, cita o responsável, acrescentando que apesar do percurso con-

solidado, o grupo ainda enfrenta desafios relacionados com a valorização do trabalho artístico e com a sustentabilidade das actividades culturais.

Os seus membros defendem que o reconhecimento institucional e o apoio contínuo aos grupos culturais são fundamentais para garantir a preservação da identidade e da memória colectiva das comunidades.

À frente deste projecto encontra-se Carlos Lingoma, professor, Director Municipal da Cultura em Cazombo e um dos fundadores do grupo.

Nascido a 22 de Abril de 1986, no município do Alto Zambeze, dedica grande parte da sua vida à promoção da cultura e à formação das novas gerações, acreditando que preservar as tradições é também construir o futuro.

RESUMO

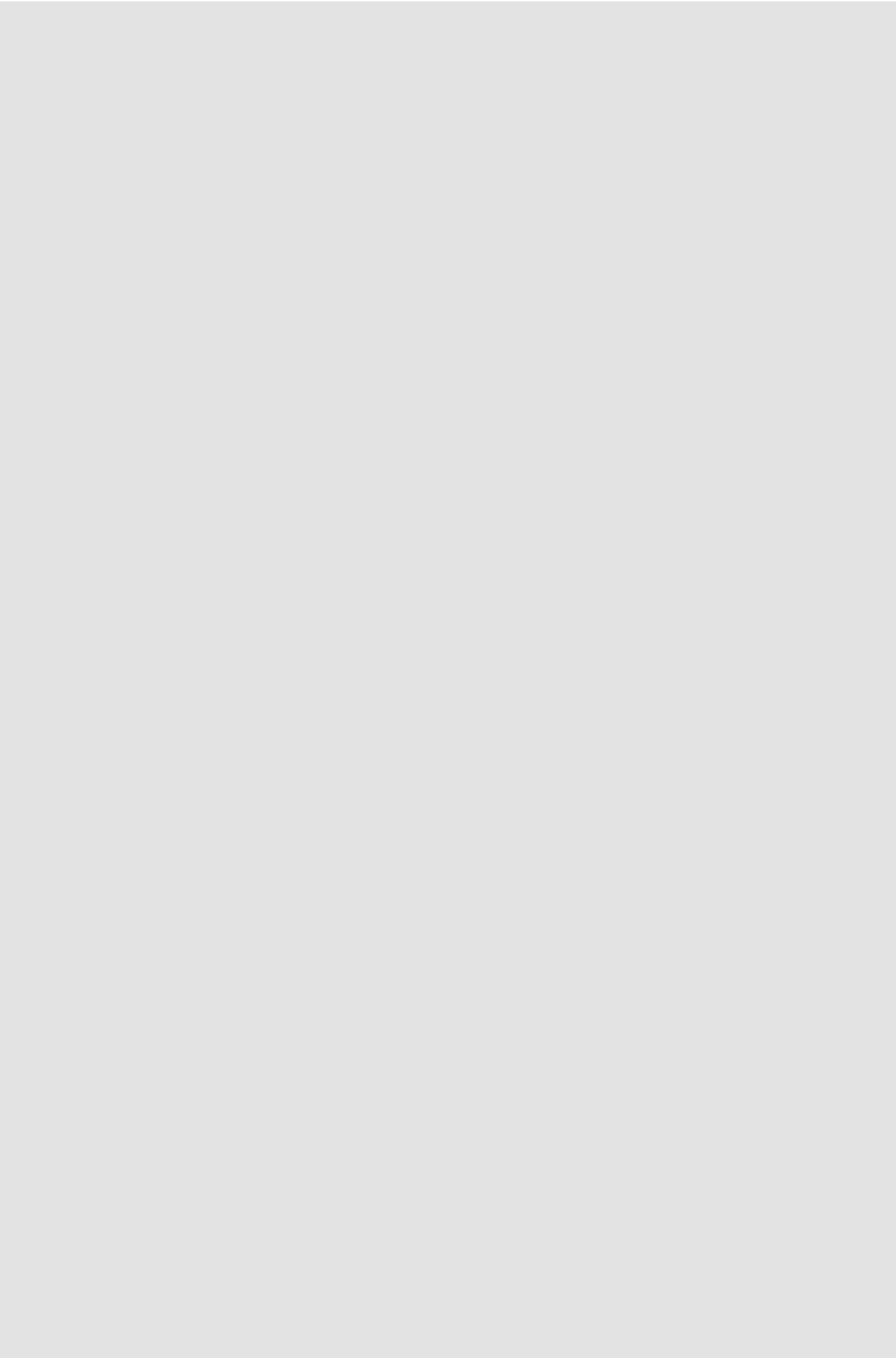
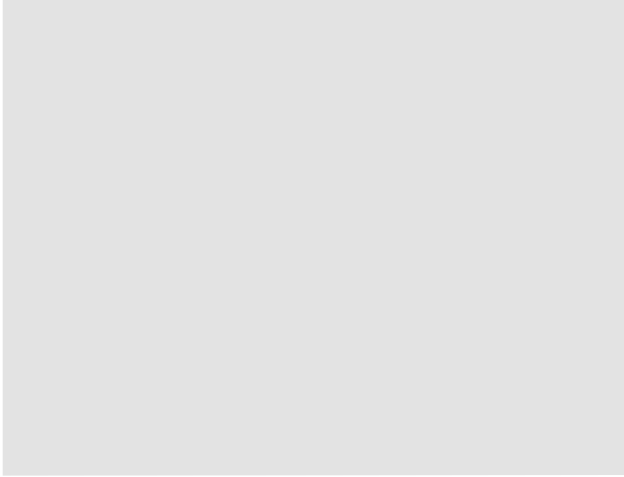
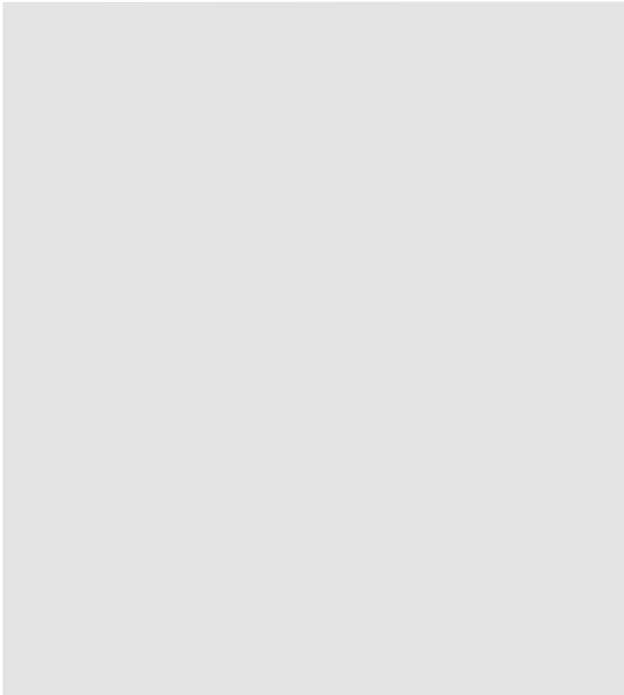
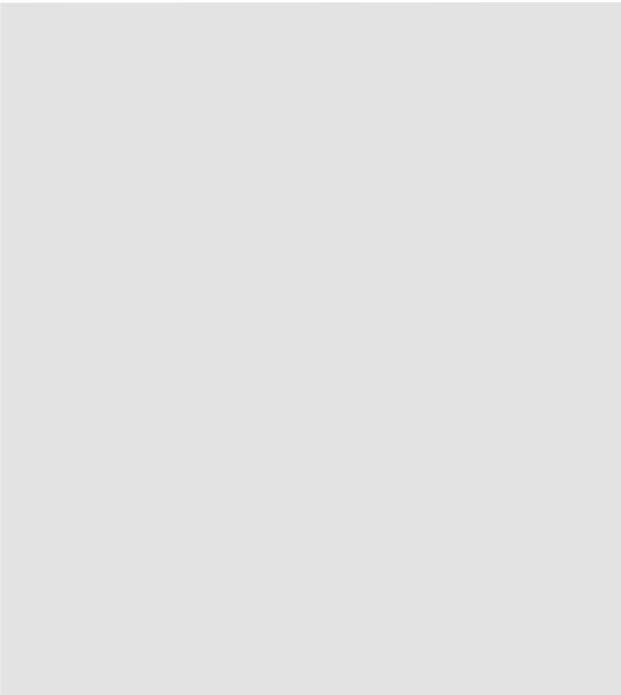
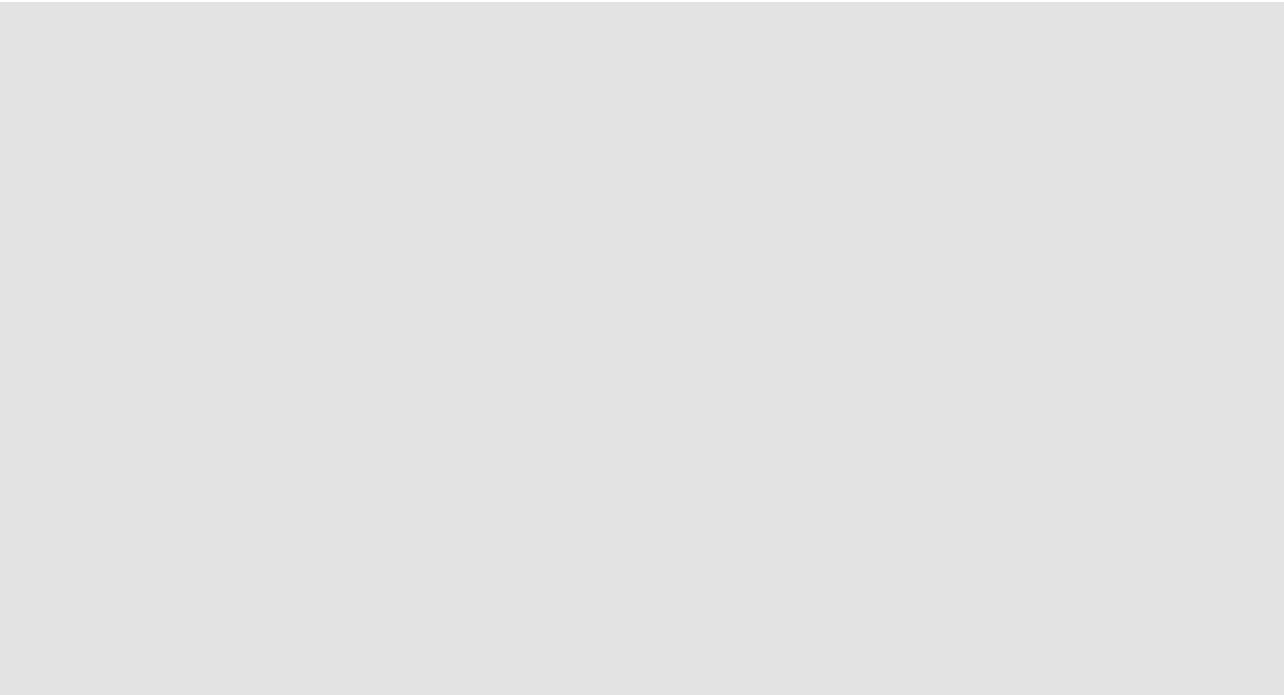
Nome do Grupo: Nejas

Província: Moxico Leste

Município: Cazombo

Data de Fundação: 10 de Novembro de 2010

Fundador(es): Carlos Lingoma, Estêvão Sónico Ayombo e António Capenda



Fundado a 9 de Fevereiro de 2026, por iniciativa de Jacinta Mena Sombo, responsável pela área da Cultura no município do Lucusse, o grupo nasceu da necessidade de dar vida às manifestações culturais locais, num con-

A identidade artística do grupo assenta numa fusão de ritmos tradicionais, nomeadamente a dança Katchatcha, de origem Luvale, é combinada com a Tchianda, pertencente à tradição Chokwé, reflectindo a diversi-

Entre os principais desafios enfrentados pelo grupo está a escassez de instrumentos musicais e, actualmente, os artistas recorrem a instrumentos empresta-

Fundadora: Jacinta Mena Sombo

**GRUPOS DO
NGEYA 2026
BLOCO IV**

KUMBI LIXIA:

A VOZ DO CUANZA SUL QUE UNIU TRADIÇÕES NO FESTIVAL NGEYA

Convidado especial da V edição do Festival Ngeya, o grupo Kumbi Lixia, da província do Cuanza Sul, levou ao palco do Luena uma demonstração da riqueza cultural do centro-sul de Angola, reforçando o espírito de diálogo intercultural que caracteriza o maior encontro da música e da dança tradicional da região Leste.

Com objectivo de promover o intercâmbio entre as manifestações culturais do Leste e de outras regiões do país, a comissão organizadora do Festival Ngeya 2026, realizado pela Sociedade Mineira de Catoca, na cidade do Luena, província do Moxico, deu palco ao Kumbi Lixia.

A sua participação simbolizou a aproximação entre diferentes expressões culturais do país, mostrando que a diversidade é um dos maiores patrimónios da identidade angolana.

De acordo com um dos integrantes e porta-voz do grupo, Rey Mix, a presença do colectivo naquela região de

Angola confirmou a dimensão nacional que o evento vem conquistando, mantendo como principal missão a valorização das tradições angolanas através da música, da dança e da partilha de conhecimentos.

Em palco, o grupo interpretou quatro temas tradicionais do seu vasto repertório, todos cantados na língua ngoya, da sua comunidade local.

Entre eles destacou-se Ngelemo Kandumba, uma composição que retrata a passagem da juventude para a vida adulta. A canção faz referência à kandumba, espaço reservado às mulheres adultas, onde recebem ensinamentos, conselhos e orientações para a vida familiar e comunitária, constituindo um importante símbolo da educação tradicional.

Outra composição apresentada foi Kamuzangala, inspirada nas dificuldades de comunicação vividas durante as décadas de 1980 e 1990.

“Recordamos o período em que as mensagens entre familiares dependiam exclusivamente de cartas transportadas por viajantes, muitas vezes sujeitas aos rigorosos controlos existentes nas estradas, transformando uma simples correspondência numa história de saudade, espera e reencontro”, frisou o artista Rey Mix, acrescentando que as apresentações foram enriquecidas pelas danças tradicionais Kishindika, Gilimina e Sakapenda, executadas em diferentes contextos sociais da comunidade, desde celebrações, casamentos e alambamentos até momentos de carácter cerimonial e de homenagem, demonstrando a versatilidade e a riqueza do património cultural preservado pelo grupo.

Um dos aspectos que mais despertou a atenção do público foi a utilização dos instrumentos tradicionais. Entre eles destacou-se o bujão, instrumento artesanal exclusivo do Kumbi Lixia, construído a partir de madeira cuidadosamente trabalhada para produzir uma sonoridade própria e característica do grupo.

"É nossa tradição utilizar o batuques e instrumentos de percussão executados por nós mesmos, contribuindo para uma identidade sonora singular da nossa região", sustentou.

Atualmente, o Kumbi Lixia é composto por oito integrantes, distribuídos entre quatro músicos e quatro bailarinas. Entre os seus principais membros encontram-se Carvalho Fonseca Pedro Mural (Rei Mix), vocalista e porta-voz do grupo, Capiceno, guitarrista e vocalista, Bernardo Teixeira Candembo (Mambé), responsável pelo tradicional bujão, e Nando Capemba, percussionista.

Questionado sobre a participação do grupo no Festival Ngeya 2026, Rey Mix referiu que foi inicialmente recebido com surpresa e incredulidade, percebendo que se tratava de uma realidade somente no momento da viagem.

“A experiência foi encarada como uma oportunidade de representar uma cultura pouco conhecida fora da sua província e, simultaneamente, aprender com as manifestações culturais do Leste de Angola, pelas quais manifestou profunda admiração, destacando particularmente a dança Txianda”, rematou.

Ao longo da sua trajetória, o Kumbi Lixia participou em diversos festivais de referência, entre os quais o FestiSumbe, onde se afirmou como um dos principais representantes da música tradicional do Cuanza Sul, além de desenvolver um trabalho contínuo de preservação da língua, dos costumes e das narrativas populares da região.

A presença do Kumbi Lixia no Festival Ngeya confirmou que a cultura angolana se fortalece quando as suas diferentes tradições dialogam entre si, transformando o palco num espaço de encontro, aprendizagem e celebração da diversidade que caracteriza o país.

Fundado em 1987, na localidade de Mbanza Pumbué, município da Quibala, província do Cuanza Sul, o Kumbi Lixia consolidou-se como uma das mais prestigiadas referências da música folclórica angolana, preservando as tradições musicais, coreográficas e linguísticas da sua região.

Ao longo de quase quatro décadas, o grupo tornou-se um embaixador da cultura do Cuanza Sul, participando em festivais nacionais e valorizando o património imaterial do povo angolano.

RESUMO

Nome do Grupo: Kumbi Lixia

Província: Cuanza Sul

Município: Quibala

Localidade de Origem: Mbanza Pumbué

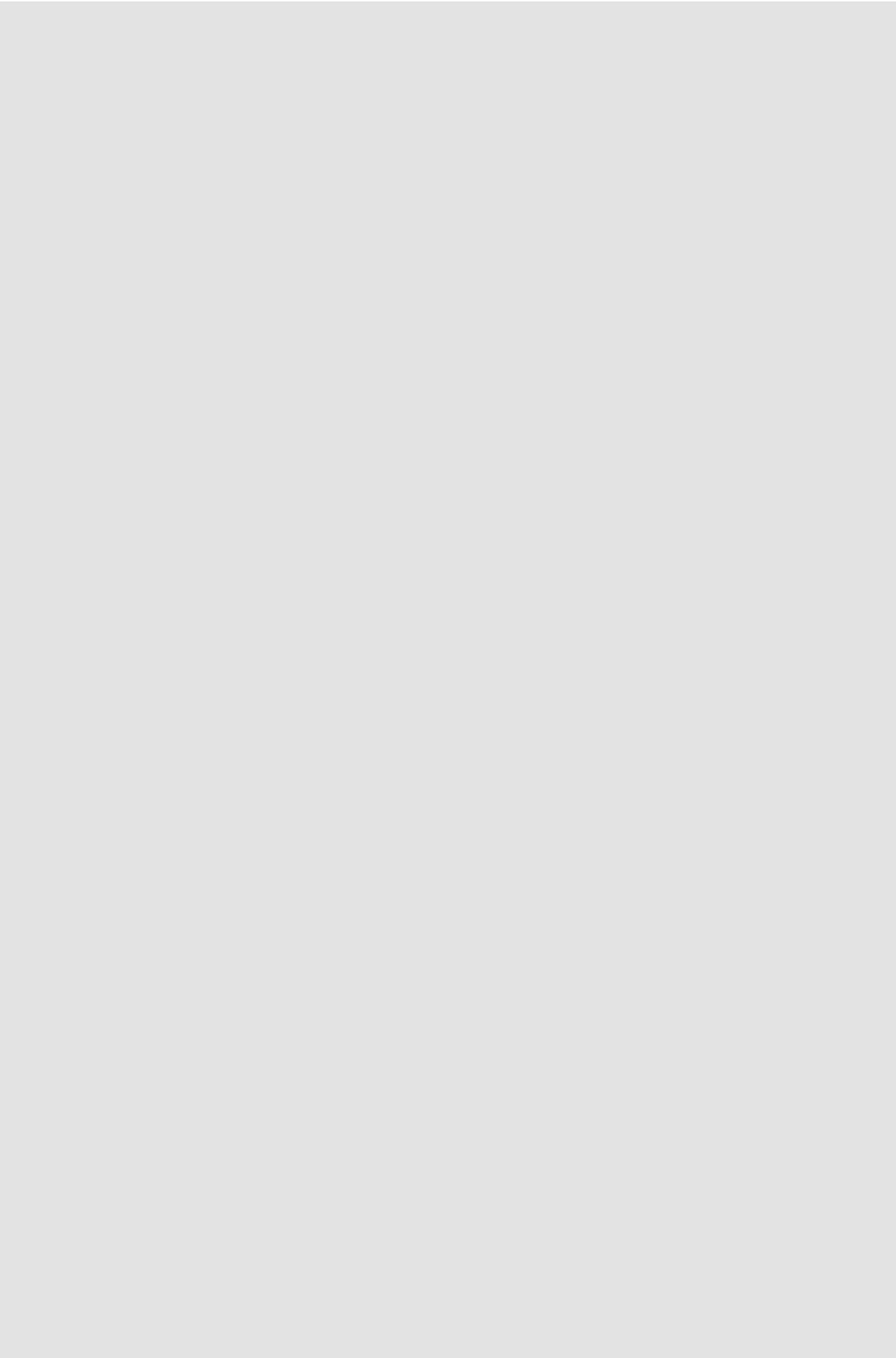
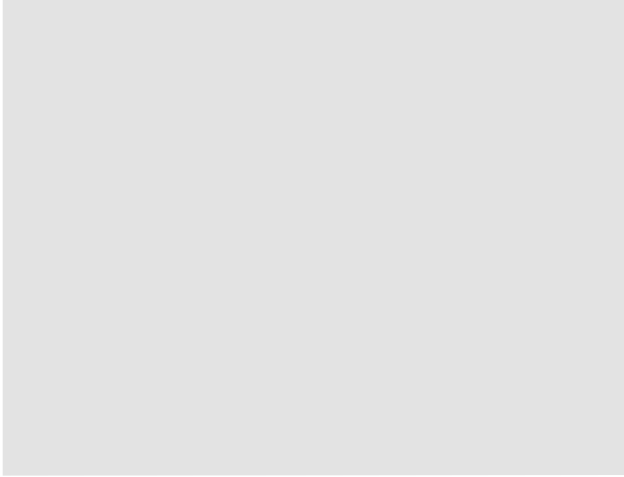
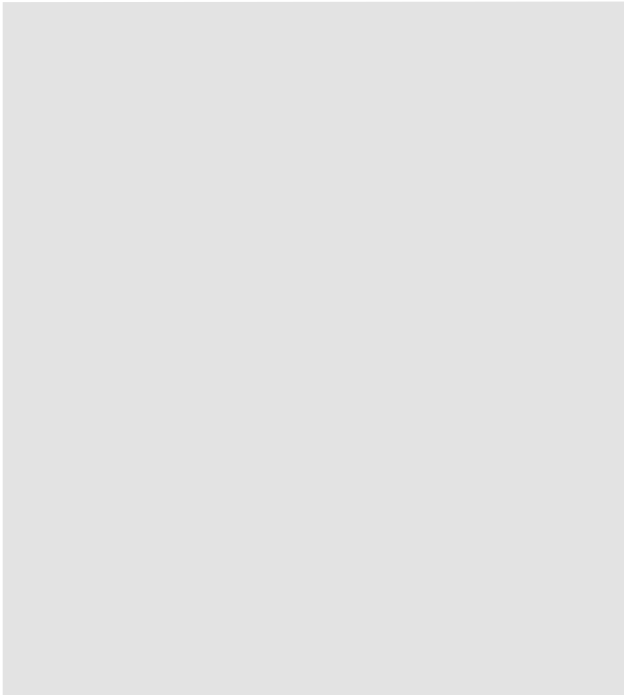
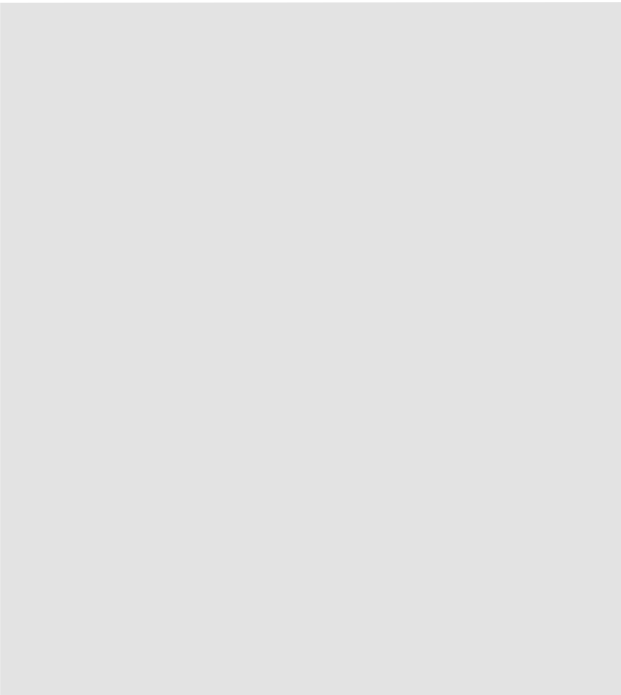
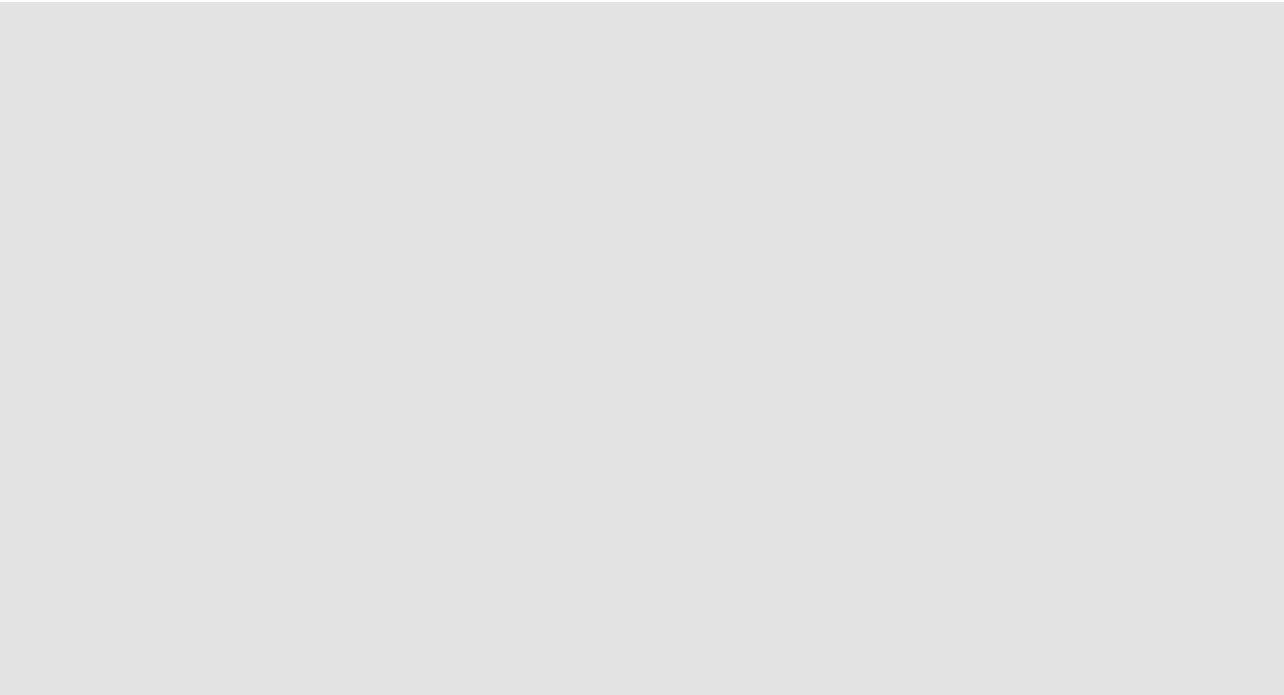
Data de Fundação: 1987

Fundador(es):

Lider/Responsável: Carvalho Fonseca Pedro Mural
(Rei Mix)

Participação no Festival Ngeya: Grupo convidado da Vª edição (2026)

Número de Integrantes: 8 (4 músicos e 4 bailarinas)



GRUPO ZANGO:

A DANÇA DA ALEGRIA QUE PERPETUA
OS ENSINAMENTOS DO MUKANDA

Mais do que um grupo de música e dança tradicional, o Grupo Zango representa uma das mais profundas expressões da herança cultural do povo tchokwé.

Proveniente do município de Muconda, na província da Lunda Sul, o colectivo preserva um legado transmitido ao longo de gerações, mantendo viva a estreita ligação entre a dança, a iniciação tradicional e os valores que moldam a identidade das comunidades locais.

Embora tenha sido oficialmente reconhecido a 2 de Janeiro de 2002, o conjunto tem as suas origens nos anos 50, período em que a dança já era praticada pelos antepassados da comunidade de Muconda. O nome Zango, que significa “alegria”, traduz o espírito festivo que acompanha esta manifestação cultural, celebrada

em momentos de grande significado para a vida comunitária.

A história do grupo confunde-se com a própria tradição do Mukanda, o ritual de iniciação masculina do povo tchokwé. Liderado por Rodrigues Muvuma, também Ganga Mukanda – mestre responsável pela orientação e realização do processo tradicional de iniciação dos rapazes –, o grupo mantém uma relação directa entre a dança e a transmissão dos valores ancestrais.

No contexto do Mukanda, a música e a dança desempenham um papel essencial. Após as cerimónias de iniciação, os jovens participam nas danças tradicionais como forma de celebração da nova etapa da vida e de integração plena na comunidade.

O Grupo Zango, mesmo com a experiência acumulada e do reconhecimento conquistado, continua a enfrentar dificuldades significativas relacionadas com a aquisição dos materiais tradicionais utilizados nas suas apresentações.

“A obtenção de madeiras, peles, fibras naturais e outros elementos necessários para a construção dos instrumentos implica deslocações longas e custos elevados, agravados pela necessidade de autorização das autoridades tradicionais à recolha destes recursos”, referiu o responsável, acrescentando que a limitação de meios financeiros continua, por isso, a ser o principal obstáculo à expansão e sustentabilidade do colectivo.

Para Rodrigues Muvuma, o Festival Ngeya constitui uma das mais importantes plataformas de valorização da cultura tradicional angolana. Mais do que um palco de exibição artística, representa um espaço de encontro entre povos, de partilha de conhecimentos e de fortalecimento da identidade cultural das comunidades do leste de Angola.

O responsável defende que iniciativas desta natureza devem continuar a crescer, permitindo que as tradições ancestrais sejam conhecidas pelas novas gerações e projectadas para além das fronteiras nacionais.

RESUMO

Nome do Grupo: Grupo Zango

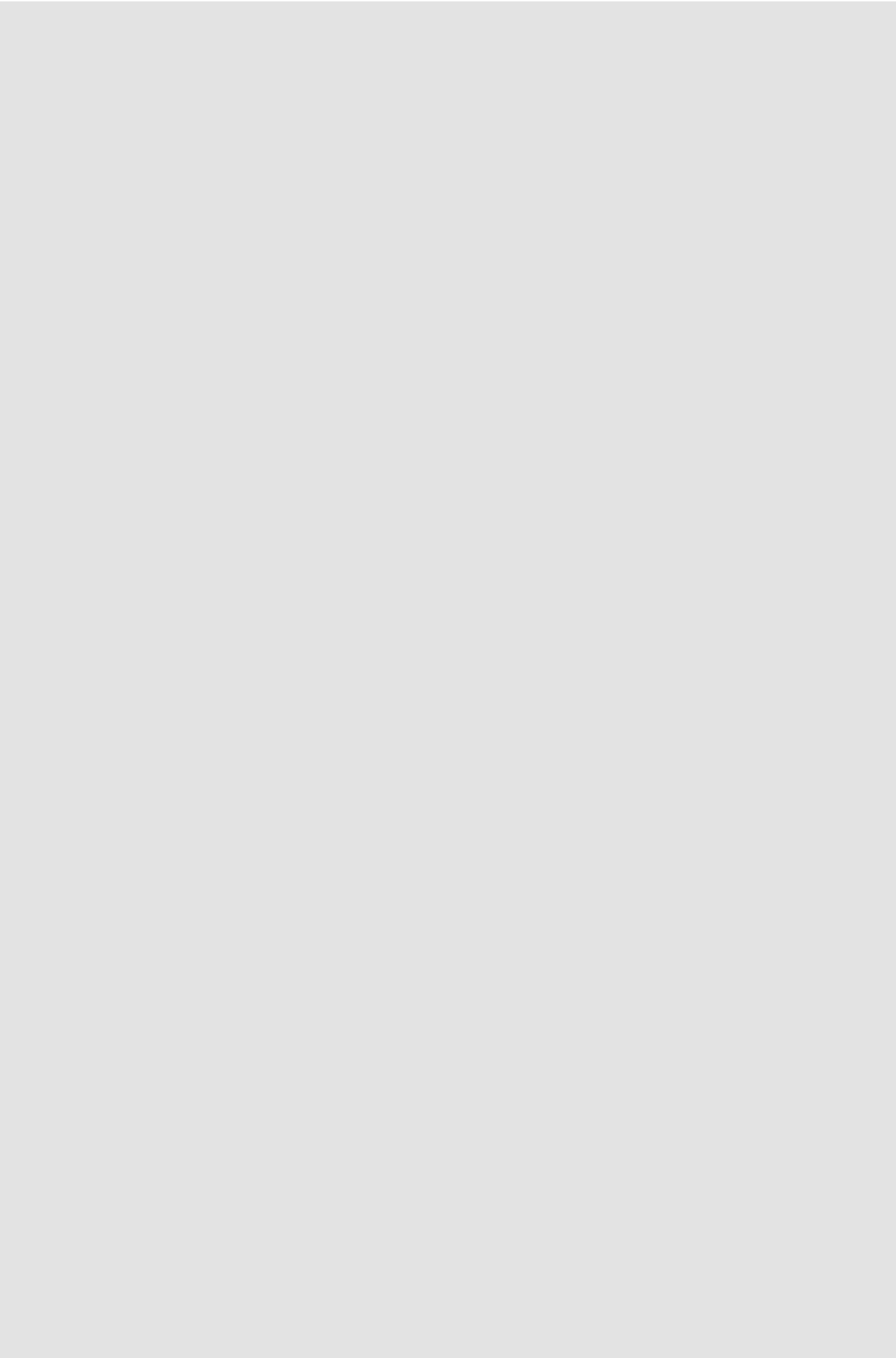
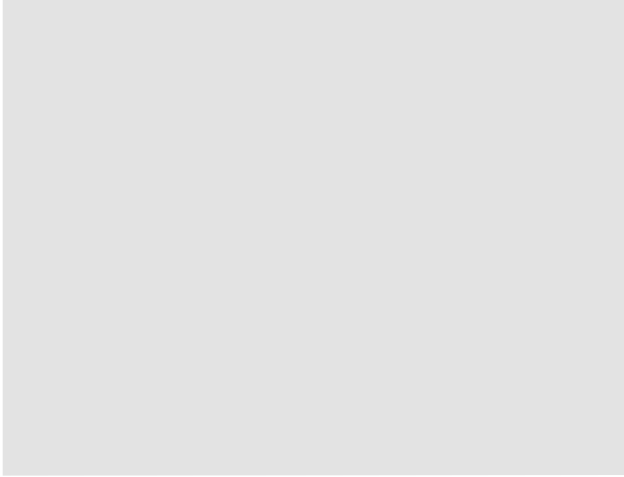
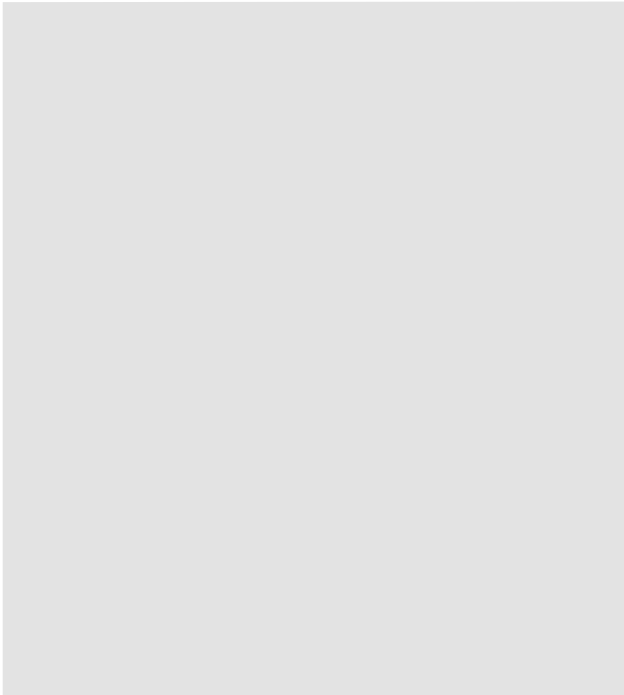
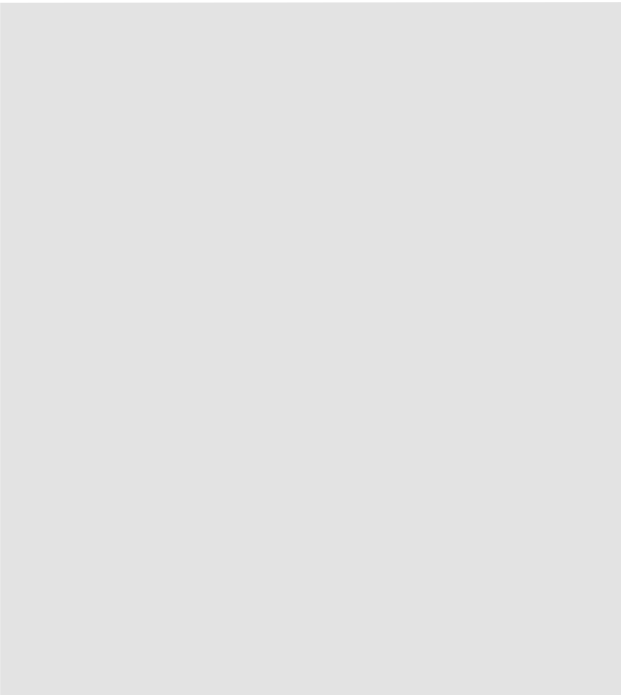
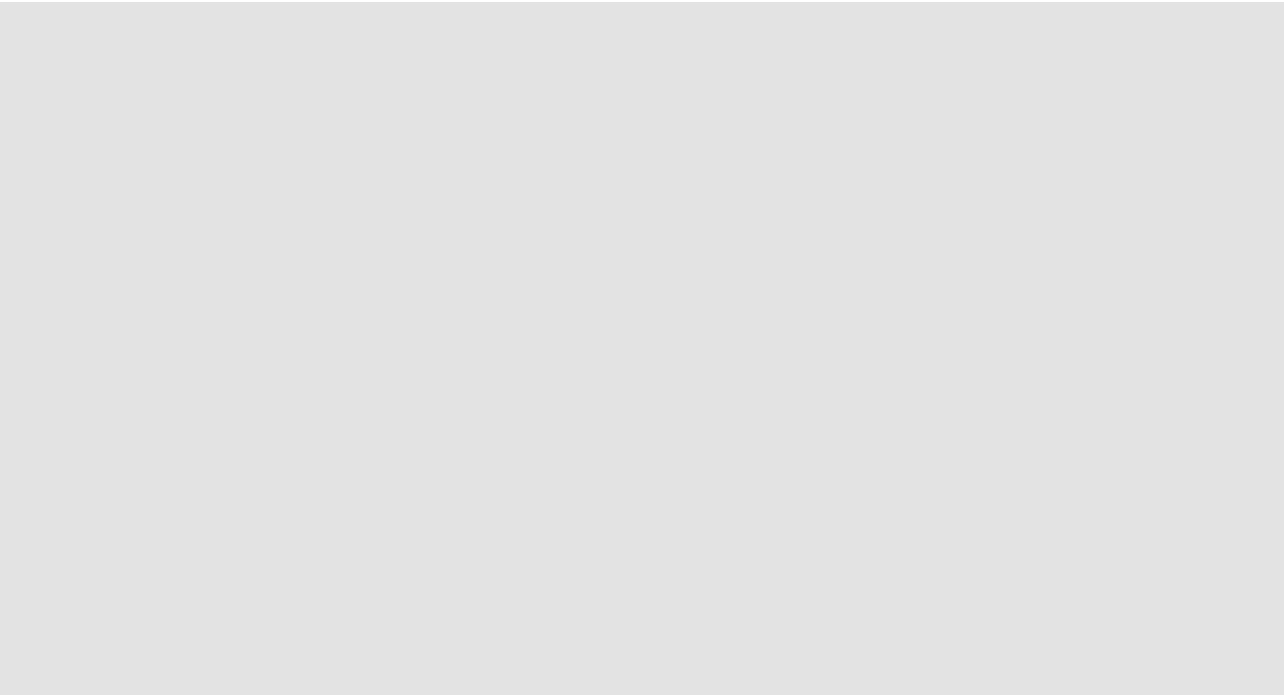
Província: Lunda Sul

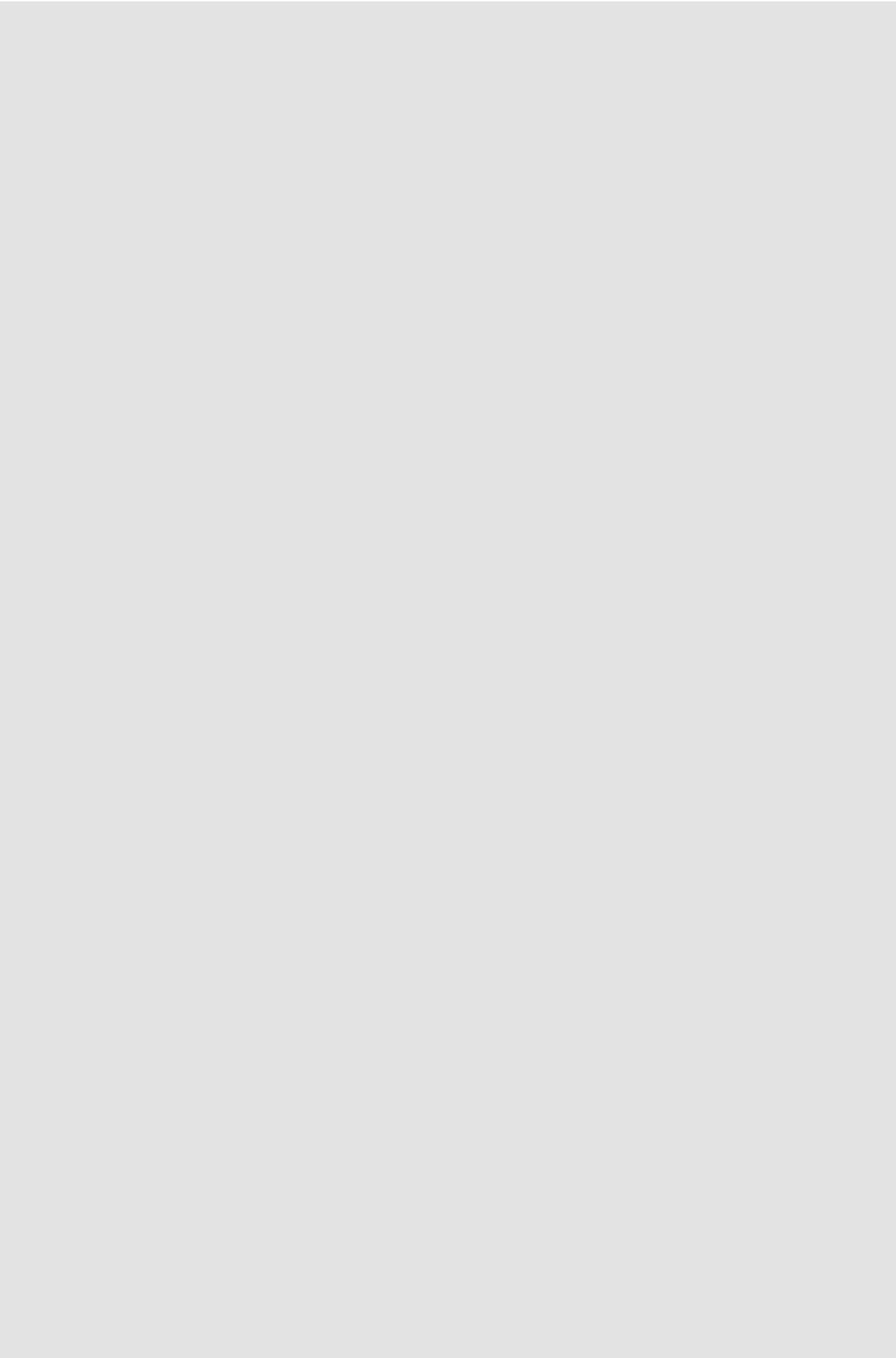
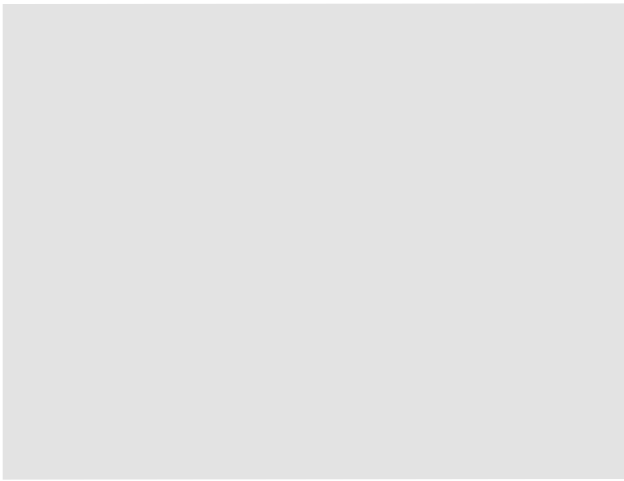
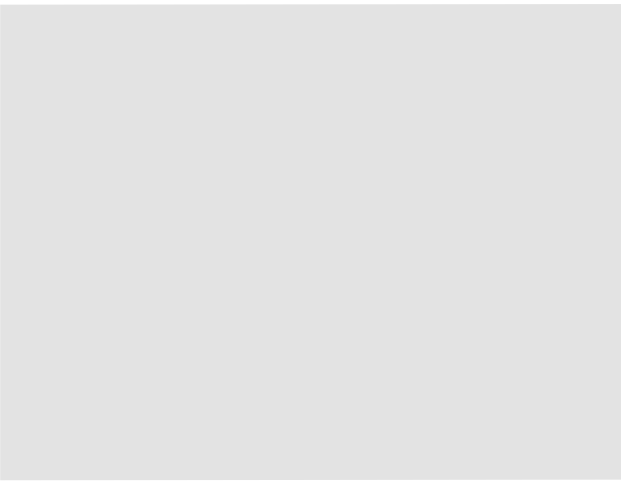
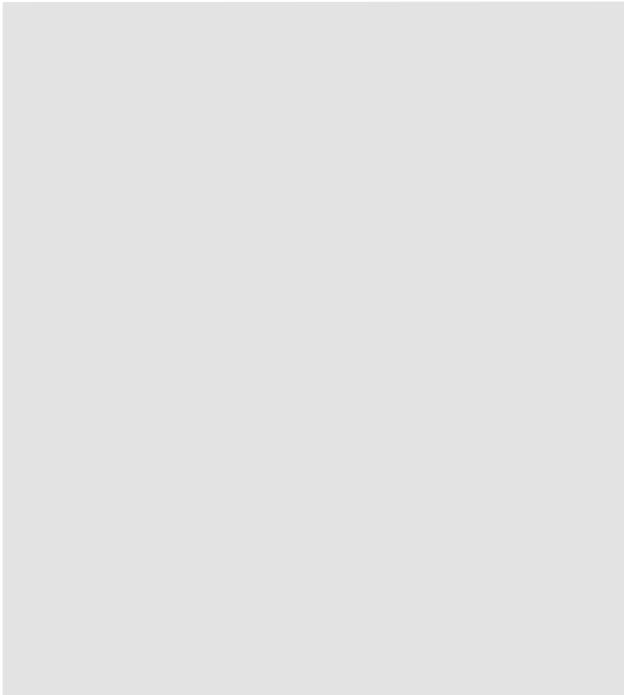
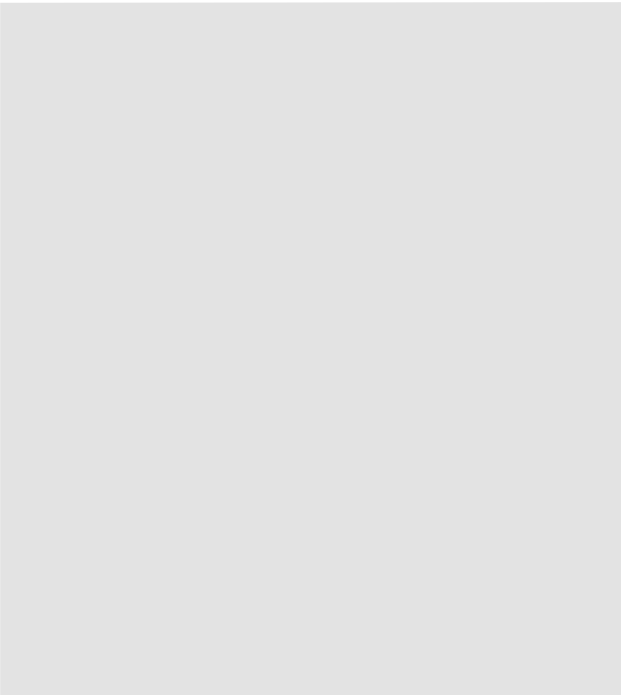
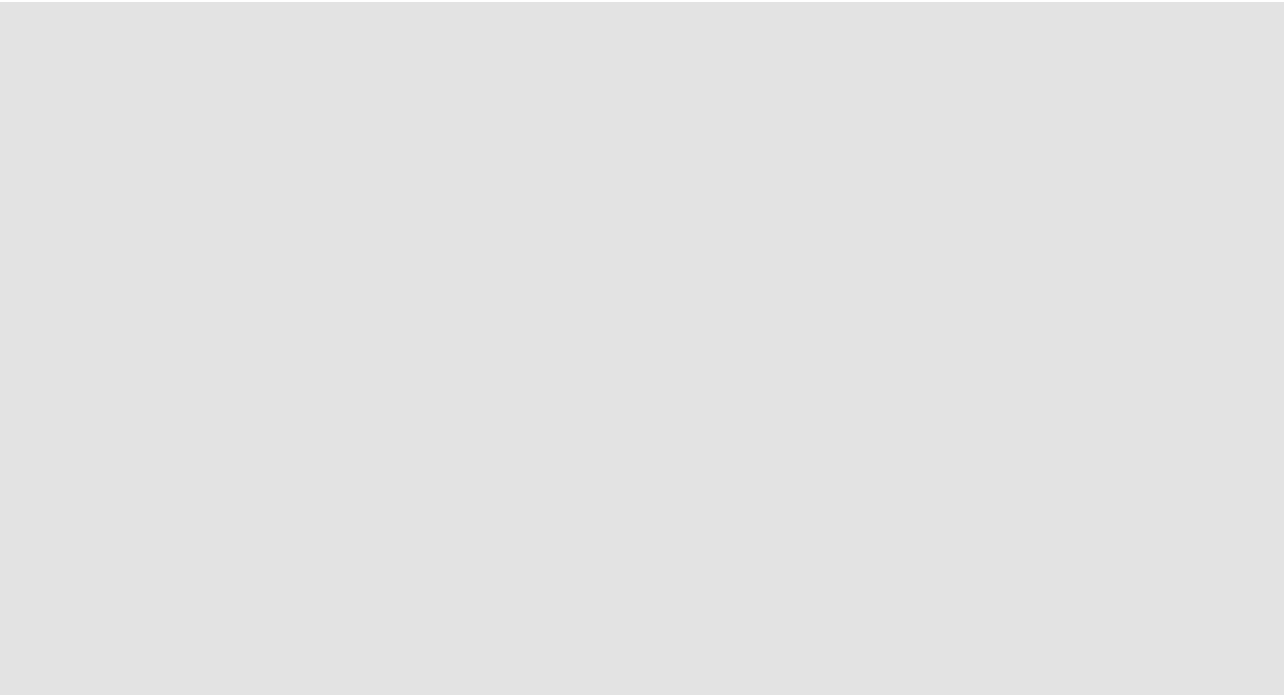
Município: Muçunda

Data de Fundação: Anos 50 (oficializado a 2 de Janeiro de 2002)

Fundador(es): Ancestrais da região e Rodrigues Muvuma.

Líder/Responsável: Rodrigues Muvuma





HISTORIADOR **GUILHERME MARTINS** DEFENDE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA ANCESTRAL

A valorização das origens comuns dos povos que habitam o Leste de Angola marcou uma das conferências da V edição do Festival Ngeya.

Sob o tema “Relações de Parentesco entre os Povos que Habitam o Leste de Angola”, o historiador Guilherme Chihumbue Martins destacou a importância do conhecimento histórico como instrumento de preservação da identidade cultural e de fortalecimento da unidade entre as comunidades da região.

Durante a sua intervenção, o investigador explicou que os povos do Leste angolano partilham uma matriz histórica ligada às grandes migrações bantu, iniciadas há milhares de anos na África Central.

Segundo o palestrante, grupos como os Tchokwé, Lunda, Luvale, Ngangela, Luchazes, Mbunda, Luimbi, entre outros, desenvolveram identidades próprias ao longo do tempo, mas conservam fortes laços de parentesco, expressos nas suas tradições, línguas, organizações sociais e manifestações culturais.

Guilherme Chihumbue Martins recordou que, na tradição oral Tchokwé, permanece viva a expressão “Ku Chivumbuko Twejile” (“Vimos do Oriente”), uma referência às origens ancestrais do povo.

O também jornalista reformado pela Rádio Nacional de Angola explicou igualmente que o antigo Império Lunda desempenhou um papel determinante na formação histórica de várias comunidades da região, contribuindo para a difusão de valores, costumes e sistemas de organização social que ainda hoje caracterizam os povos do Leste.

Para o historiador, conhecer estas relações históricas é fundamental para reforçar o sentimento de pertença e combater o desaparecimento gradual de tradições que constituem um património colectivo.

“A investigação científica, o registo documental e a transmissão do conhecimento às novas gerações devem caminhar lado a lado com iniciativas culturais como o Festival Ngeya”, reforçou.

A conferência, que abordou igualmente integrou o programa académico do Festival Ngeya 2026 e reuniu investigadores, estudantes, agentes culturais e representantes de grupos tradicionais.

O encontro reforçou o papel do festival não apenas como palco de exibição artística, mas também como espaço de reflexão sobre a história, a memória e a preservação do património cultural da região Leste de Angola.

ENTREVISTA DIRECTOR ARTÍSTICO DO FESTIVAL **GABRIEL TCHIEMA**

“Despertamos uma nova geração
de artistas que vivem a
preservação da cultura leste”

TOMÁS DA SILVA (TEXTO)
JACINTO FIGUEIREDO (DELFLA)



Desde a sua criação, o Festival Ngeya consolidou-se como um dos mais importantes movimentos de valorização do património cultural da Região Leste de Angola. Mais do que um evento artístico, tornou-se um espaço de reencontro entre gerações, de promoção da identidade cultural e de salvaguarda das manifestações tradicionais dos povos Tchokwé, Lunda, Luvale, Mbunda, Lutchazi e de outras comunidades da região. Nesta entrevista, Gabriel Tchiema, Director Artístico do Festival Ngeya, fala sobre o significado do festival, a origem da palavra “Ngeya”, os impactos alcançados ao longo das cinco edições, os desafios da preservação da dança Tchianda e a visão para transformar o Ngeya numa referência internacional da música e da dança tradicional africana.

Como caracteriza o Festival Ngeya e qual é a importância da dança Tchianda para a Região Leste de Angola?

O Ngeya é um festival que celebra todos os géneros de manifestações culturais da Região Leste de Angola. A Tchianda é apenas um desses géneros, mas tornou-se um dos mais populares pela sua força rítmica, capaz de envolver qualquer pessoa que a ouça. Além da Tchianda, existem outros ritmos importantes, como a Kandoa e o Xombe, conhecido como a dança da juventude ou da lua. O Ngeya representa festa, ritmo, unidade nacional e valorização cultural. O seu principal objectivo é resgatar, promover e preservar o legado cultural deixado pelos nossos ancestrais.

O que significa, literalmente, a palavra "Ngeya"?

Ngeya significa "ritmo". Quando alguém diz "Ngeya", está a convidar as pessoas a sentirem o ritmo dos instrumentos, da música e da dança. É uma expressão de celebração da nossa cultura.

O festival começou em 2021. Que mudanças concretas trouxe desde então?

O maior impacto foi o despertar do interesse da juventude pela cultura tradicional. Muitos fabricantes de instrumentos musicais, que estavam praticamente sem actividade, voltaram a produzir porque sabem que todos os anos haverá um festival onde poderão apresentar o seu trabalho. Também assistimos ao ressurgimento de instrumentos que estavam quase extintos, como o Tchinguvo, e ao aparecimento de novos grupos culturais. Hoje existe um movimento cultural muito mais forte do que havia antes.

O que se perdeu e o que se ganhou com a criação do Festival Ngeya?

Antes do festival, muitos jovens já não demonstravam interesse pelas tradições. Hoje há escolas dedicadas ao ensino da Tchianda e de outros ritmos tradicionais. O festival tornou-se uma plataforma de valorização da cul-

tura e de inclusão social, despertando orgulho nas novas gerações.

Qual é o papel do diálogo cultural dentro do festival?

Todos os anos convidamos grupos de outras províncias para promover o intercâmbio cultural. Já recebemos grupos de Cabinda, do Kwanza Sul e de outras regiões do país. O objectivo é mostrar que a cultura angolana é diversa e que todas as manifestações merecem ser conhecidas e valorizadas.

O Festival Ngeya já pode ser considerado uma referência nacional?

O Ngeya já é uma marca, mas ainda está a crescer. Não pode ser comparado com festivais mais antigos e consolidados. O nosso objectivo é torná-lo um festival de referência nacional e internacional, dedicado exclusivamente à música tradicional de raiz. Para isso, precisamos do apoio de mais patrocinadores além da Catoca, permitindo aumentar a duração do evento e criar novas actividades.

Porque é que hoje são sobretudo os jovens que praticam a Tchianda?

Acredito que isso acontece porque o festival deu visibilidade aos jovens artistas. Eles sabem que podem mostrar o seu talento ao país através da televisão e dos meios de comunicação. Esse reconheci-



//

Ngeya significa "ritmo".
Quando alguém diz "Ngeya",
está a convidar as pessoas a
sentirem o ritmo dos
instrumentos, da música e da
dança. É uma expressão de
celebração da nossa cultura.

mento funciona como incentivo para aprenderem e preservarem a tradição.

O que a participação do Moxico Leste traz de novo ao festival?

O Moxico Leste apresenta grupos e manifestações culturais que ainda eram pouco conhecidos. Um dos destaques desta edição é a dança Cachacha. A participação desta nova província reforça o sentimento de inclusão e enriquece ainda mais o festival.

Existe a possibilidade de incluir outras províncias onde também se dança a Tchianda?

É uma possibilidade para o futuro. Sabemos que a Tchi-



anda também está presente em províncias como o Cuando Cubango e o Bié. Contudo, essa expansão depende de questões logísticas e financeiras. Enquanto director artístico, considero importante que essas regiões também façam parte do projecto.

Porque foi escolhido o grupo Kumbilixia, do Kwanza Sul, como convidado desta edição?

Conheci o grupo durante outro festival e fiquei impressionado com a qualidade da sua música e da sua performance. A sua participação enriquece o diálogo cultural e permite ao público conhecer melhor a cultura do Kwanza Sul.

Qual é a importância do instrumento Ngoma Yashina?

O Ngoma Yashina é o instrumento mais importante da Tchianda. É ele que conduz a dança e orienta os bailarinos através do percussionista principal, conhecido como Tangish. Podemos dizer que é a "alma" da Tchianda, pois sem ele a dança perde a sua identidade.

Como caracteriza o Ngoma Yashina?

É um tambor grave de origem Tchokwe que sustenta toda a base rítmica da música tradicional. Cumpre uma função semelhante à do baixo na música moderna, mantendo o ritmo e coordenando os restantes instrumentos.

Como avalia o desempenho dos jovens que hoje praticam a Tchianda?

Vejo-os com enorme orgulho. Estes jovens tiveram bons mestres e estão a aprender correctamente os ritmos, os instrumentos e a dança. Isso dá-nos a certeza de que a cultura terá continuidade durante muitos anos.

O que espera desta edição do Festival Ngeya?

Espero um grande espectáculo. Todos os grupos estão bem preparados e acredito que irão proporcionar apresentações de elevada qualidade. Temos cerca de treze grupos e aproximadamente cento e sessenta artistas em palco, representando o melhor da cultura da região.

Existem planos para tornar o Festival Ngeya um evento internacional?

Sim. Desde a primeira edição temos esse objectivo. Gostaríamos de convidar grupos da República Democrática do Congo, da Zâmbia, da Tanzânia e de outros países onde existem comunidades Tchokwe. Infelizmente, as limitações financeiras ainda não permitem concretizar esse sonho, mas continuamos a trabalhar para que o Ngeya se torne um festival internacional.

A portrait of Gabriel Tchiema, a man with short grey hair and glasses, wearing a white sweater. He is playing a light-colored Godin acoustic guitar. The background is a solid dark red color.

GABRIEL
TCHIEMA

PERFIL

Gabriel Tchiema é promotor cultural, investigador das tradições da região Leste de Angola nascido no município do Dala, província da Lunda Sul, em 1966. Cumpriu o serviço militar na região de Cabinda até 1990, tendo sido refugiado na Zâmbia em 1968, onde deu os primeiros passos na música, co-fundando e integrando a banda ASP, com a qual ganhou vários prémios nos festivais militares. Além de uma sua trajectória marcada pela preservação, promoção e valorização do património cultural angolano através da música, dança e composição na língua angolana, foi escolhido pela Sociedade Mineira de Catoca como Director Artístico do Festival Ngeya desde a sua fundação e tem sido reconhecido pelo seu profundo conhecimento da cultura Tchokwé e demais manifestações tradicionais da região.

GRANDE ENTREVISTA HISTORIADOR **SALVADOR CACOMA**

“Sem memória não existe identidade e Moxico precisa preservar seus patrimónios”

A riqueza cultural do Moxico vai muito além das manifestações mais conhecidas do povo Tchokwé. É esta a convicção do investigador cultural angolano Salvador Cacoma, um técnico da área de Monumentos e Sítios da Província do Moxico, membro da CACOFETRAL (Comité do Festival Tradicional Luvale), enfermeiro, professor de História e um dos palestrantes da Conferência Ngeya 2026. Ele defende mais investigação, um museu etnográfico e políticas públicas para proteger as culturas menos conhecidas da província. Ao longo da nossa entrevista, o académico alerta para o risco de desaparecimento de vários grupos etnolinguísticos, defende a criação de um museu etnográfico, critica a falta de documentação do património cultural e sublinha que a preservação da identidade angolana depende do conhecimento e da valorização das comunidades locais.

TOMÁS DA SILVA (TEXTO)
JACINTO FIGUEIREDO (FOTOS)

não existe um espaço onde qualquer cidadão possa consultar esse patrimônio. Isso dificulta a investigação e compromete a preservação da memória coletiva.

Aqui no Moxico, como estamos em relação a um museu dedicado à diversidade cultural da província?

Não temos um museu etnográfico que represente a riqueza cultural da província. O que posso afirmar é que um museu permitiria preservar o acervo dos diferentes grupos étnicos, como os Macoma, Camache, Luímbes, Ganguela, Lunda-Ndembo e muitos outros. Seria também um centro de investigação, educação e valorização da identidade regional.

Para além das danças, que outras expressões culturais merecem maior valorização?

Temos uma gastronomia extremamente rica que praticamente não é divulgada. Possuímos também uma tradição importante na olaria, na cestaria, no artesanato e noutras formas de produção cultural que continuam pouco conhecidas. Tudo isso deveria integrar políticas permanentes de promoção cultural.

“ Um museu aqui no Moxico seria também um centro de investigação, educação e valorização da identidade regional ”

Que desafios os investigadores culturais enfrentam actualmente aqui na região leste e no país, no geral?

Acredita igualmente que existam monumentos e locais históricos que merecem maior valorização?

Esses espaços precisam de melhor interpretação para que a população compreenda verdadeiramente o seu valor histórico.

Ontem apresentou uma palestra durante a Conferência Ngeya 2026. Qual foi o tema?

A palestra teve como tema “Preservação do Patrimônio Cultural Imaterial” e ao longo da minha narração procurei explicar que patrimônio não significa apenas edifícios ou monumentos. Também fazem parte do patrimônio as línguas, os festivais, os rituais, a medicina tradicional, os conhecimentos transmitidos entre gerações, as técnicas artesanais e todas as formas de educação tradicional existentes nas comunidades.

A sociedade angolana valoriza suficientemente esses patrimónios que citou?

Ainda não. Muitas pessoas praticam determinadas tra-

dições sem conhecer o seu verdadeiro valor cultural. Existe um longo caminho a percorrer na sensibilização da sociedade para compreender que a identidade de um povo também se preserva através das suas práticas culturais e dos conhecimentos herdados dos seus ancestrais.

Como avalia o interesse da juventude por estas questões culturais de profundidade?

Tenho trabalhado directamente com muitos jovens na Casa da Cultura e noto um interesse crescente. Há cada vez mais jovens ligados à música, às artes plásticas, ao artesanato e à investigação cultural. Talvez ainda lhes falte formação técnica, mas existe vontade de aprender e isso é um sinal muito positivo para nós.

Quais são hoje as principais preocupações da juventude ligada à cultura?

A música ocupa um lugar central. Infelizmente, grande parte da produção musical actual perdeu profundidade. Muitas canções deixaram de transmitir mensagens educativas, históricas ou sociais e passaram a privilegiar apenas o entretenimento imediato.

Uma boa música deve contar uma história, transmitir valores e deixar uma mensagem. É isso que faz uma obra atravessar gerações.

Considera que a música angolana perdeu parte da sua identidade?

Em muitos casos, sim. Antigamente, as pessoas compravam um disco porque encontravam nele conteúdos que marcavam as suas vidas. Hoje verifica-se uma produção muito orientada para o consumo imediato e para as redes sociais.

A música angolana precisa de voltar a falar da nossa história, dos nossos ancestrais, da nossa identidade e dos desafios da sociedade. Só assim poderá ultrapassar fronteiras e voltar a conquistar reconhecimento internacional.

Que mensagem gostaria de deixar sobre a preservação da cultura do Moxico?

A cultura é a nossa memória colectiva. Se perdermos essa memória, perdemos também a nossa identidade. É fundamental que o Estado, os investigadores, as escolas, os artistas e toda a sociedade trabalhem em conjunto para preservar as línguas, os rituais, as danças, os monumentos e todos os elementos que constituem o património cultural da província do Moxico. Só assim garantiremos que as futuras gerações conheçam verdadeiramente quem somos.

Transcrição: Comunika – Produção e Distribuição de
Conteúdos (Rafaela Guelengue, Marcelo Paulo, Isabel
Pedro Kafuna, Luzia Guelengue e José Domingos)

Redacção e edição: Fernando Guelengue (FG)

Revisão: Carlos Francisco